

Libras

Falando com as mãos

Especial

Saiba como surgiu a segunda língua oficial do Brasil, como ela vem sendo aplicada nas Instituições de Ensino e quais benefícios ela proporciona ao estudante.

E mais:

Veja como a qualificação do educador em Língua de Sinais tem aprimorado a inclusão do aluno especial.



Desenvolvendo a maestria: o avanço está no desconforto

Paulo Ribeiro*

Poucas coisas fascinam mais um ser humano do que assistir a um mestre em ação.

Não importa a área: observar e reconhecer a maestria em outro ser humano nos impacta de algum modo. Como Beethoven disse: "Não apenas pratique sua arte, mas force um caminho em busca dos segredos dela, pois ela e o conhecimento podem elevar o homem ao Divino".

Falo maestria não necessariamente no sentido de "ser o melhor de todos naquilo", mas se referindo a se ter uma intimidade tão grande com aquela arte a ponto de fazer com que você entenda cada nuance e seja capaz de expandir a *performance* humana na área. Isso acontece em todo campo do conhecimento, não apenas na parte *per se*: a Física, com Einstein; a Filosofia, com Sócrates; a música *pop* com Michael Jackson e muitos outros. Todos diferentes, porém, com algo em comum: o domínio da própria área, mestres.

Ser mestre em algo, contudo, não tem ligação pura com talento ou inteligência inata – e sim com esforço e prática. Se você quer alcançar esse tipo de domínio sobre algo, é preciso uma dedicação diferenciada, que poderá lhe garantir a maestria no assunto. Assim como músicos se dedicam para dominar um instrumento, você pode usar esse entendimento da maestria para aprender bem uma disciplina da faculdade, por exemplo. Ou se aprofundar em seu campo profissional e se tornar uma referência.

Repetidos estudos mostram que não existe uma relação clara entre QI e aptidão para desenvolver tarefas ao nível de mestre, assim como é observado que o talento para uma habilidade não necessariamente implica uma inteligência geral, para todas as habilidades. Isso descarta a ideia popular do "gênio de nascença".

Mesmo Mozart, o exemplo mais comum de alguém que nasceu "gênio" na mente da sociedade foi um modelo de trabalho duro. Embora aos cinco anos já compusesse melodias, se apresentasse em público tocando violino e piano aos oito e tivesse produzido suas primeiras obras originais aos onze, a sua história contém inúmeros fatos desconhecidos do público.

Por exemplo, o pai de Mozart, Leopold, já era um famoso instrumentista e compositor, com um interesse grande em pedagogia e na forma de ensino da música. Por isso, começou um programa intenso de ensino ao filho a partir dos três anos de idade. Os manuscritos com as composições do Mozart filho nunca apareciam com sua letra: o pai dele sempre as corrigia antes de torná-las públicas. Além disso, os primeiros concertos compostos aos onze anos foram criados por ele, mas não eram exatamente originais: tinham sido claramente desenvolvidos com base em obras já existentes.

Daí em diante, a verdade é que Mozart só viria compor algo realmente histórico, um concerto considerado obra de arte, aos vinte e um anos: o "Concerto para Piano nº 9". A essa altura, ele já tinha acumulado 18 anos de prática intensa sob a tutoria de um professor competente e especialmente dedicado à pedagogia.

Contudo, também foram encontradas características em comum naqueles que desenvolvem a maestria: o sucesso – nesse caso ligado diretamente à qualidade e maestria da *performance* – estava consistentemente correlacionado com o que os cientistas chamaram de prática deliberada, um método que melhora o desempenho, é exigente e requer presença constante de *feedback*. Além disso, não é algo medido de acordo com o tempo de prática ou experiência de campo, mas sim com o volume de esforço investido em certa habilidade ou conhecimento.

Essa prática é acima de tudo um esforço de foco e concentração. É isso o que significa "deliberada", em oposição a simplesmente praticar exercícios no modo automático. Por exemplo, uma pessoa que deseja melhorar seu nível na disciplina de Física pode optar por duas escolhas: resolver exercícios indiscriminadamente ou focar em seus pontos fracos. De nada adianta você gastar meses debruçado em questões que já estão confortáveis ou fáceis para você. Isso não avança sua habilidade geral. O progresso está no desconforto. É claro que esse trabalho de manter-se na prática deliberada exige mais da pessoa: pesquisas mostram que ficar de quatro a cinco horas por dia se dedicando a esse método é o limite máximo para a prática eficaz.

Uma dica, para o ambiente de estudo, é praticar exer-



Conselho Editorial
Julio Cesar da Costa
Ednaldo Carvalho Silva

Jornalismo
Antônia Lúcia Figueiredo
(M.T. RJ 22685JP)

Colaboração
Sandra Martins, Jéssica Almeida, Marcela Figueiredo, Richard Günter e Tony Carvalho

Fotografia
Marcelo Avila

Design Gráfico
Luiz Cláudio de Oliveira
Marcel Schocair Costa

Revisão
Sandro Gomes

Periodicidade e tiragem
Bimestral – 69.000 (sessenta e nove mil)

Impressão e distribuição
Gráfica Edlouro – Correios

Professores, enviem seus projetos para a redação da Revista Appai Educar:

End.: Rua Senador Dantas, 117/229
2º andar – Centro – Rio de Janeiro/RJ.
CEP: 20031-911

E-mail: jornaleducar@appai.org.br
redacao@appai.org.br

Endereço Eletrônico:

www.appai.org.br

Tel.: (21) 3983-3200

* Os conceitos e opiniões emitidos em artigos assinados são de inteira responsabilidade dos autores.

cícios que tenham gabarito – afinal, *performance* sem *feedback* é inútil. Prefira resolver poucas questões, mas que tenham o gabarito, do que muitas indiscriminadamente. Sem esse retorno, o desempenho não melhora.

***Paulo Ribeiro** é formado em Engenharia Química pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).



Controlar a ansiedade é possível?

*Beatriz Rodrigues**

Controlar a ansiedade é extremamente difícil, mas é possível. Ela vai impedindo o sujeito de levar uma vida normal, porque não é normal ser ansioso o tempo todo e sobre todos os aspectos de sua vida. As teorias mais comuns tentam explicar o “boom” dos transtornos mentais, como a ansiedade, depressão e TDAH (Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade), e acabam por apontar o atual estilo de vida pós-capitalista como o grande catalisador do problema.

Sempre oriento meus pacientes quanto a procurar controlar a ansiedade com algumas dicas, mas para começar é imprescindível reconhecer a ansiedade – RECONHECER / REEDUCAR / REGULAR. Se fôssemos colocar em forma de conceito da física, seria uma fórmula $A=R+R+R$. Mas isso é psicanálise, e então podemos pensar que a ANSIEDADE pode ser controlada assim que nos RECONHECEMOS, REEDUCAMOS e REGULAMOS a forma como nos projetamos para nós mesmos e para o mundo. Seguem algumas dicas.

Reconheça que está com medo, ou que algo o aflige. Como sempre digo, precisamos ter uma sirene interna, que tem que tocar nos avisando que estamos repetindo compulsivamente algo, sem entender conscientemente a razão e o porquê. Esse é o famoso conceito psicanalítico de que todo ato que executamos de modo inconsciente nos leva à compulsão por repetição.

Tente brincar de STOP consigo mesmo, sabe aquela velha brincadeira? Pois é, diga a si mesmo STOP! E tente substituir os pensamentos ruminantes, que são frutos da sua mente, por reflexões que tragam paz, pequenas lembranças agradáveis, novas noções e outros.

Quer uma ideia muito útil? Faça piada consigo mesmo, não deixando de lado a máxima “rir é um excelente remédio”. Ria de si mesmo, isso é libertador. Faça algo que impeça o pensamento inicial. Tente distrair sua mente, se estiver no meio de uma crise de ansiedade. Busque diversões diferentes, algo que lhe interesse.

Tente encontrar um *hobby*, uma atividade em que você interaja diretamente e de que possa desfrutar como momentos de prazer e interação.

Ouçã música, não duvide, ela é terapêutica e pode ajudá-lo relaxar ou se sentir feliz. Mas, cuidado com a autossabotagem! Não vale colocar justamente aquelas canções que lhe tragam tristeza e angústia, ok!

Praticar ações que ajudem outras pessoas, ou outros seres, como os animais, também é apontado como uma boa alternativa, já que favorece a diminuição de uma perspectiva imediata de “aprovação” e reconhecimento alheio.

Os benefícios para a saúde corporal da prática regular de atividade física já são conhecidos, entretanto cada vez mais pesquisas científicas apontam os resultados positivos associados também à saúde mental. Não desperdice o estudo das pessoas, mexa-se!

Escreva suas preocupações em um pequeno papel durante um ano inteiro. Guarde tudo dentro de um cofre e, no final do ano, abra e leia. Você verá o quanto aprendeu e melhorou com o passar do tempo. E pela minha experiência isso vai lhe render boas risadas no final.

***Beatriz Rodrigues** é Pedagoga, Psicanalista, Especialista em Psicopedagogia e Mestre em Educação pela Universidade de Jáen – Espanha.

O Guia on-line ficou ainda melhor.

Achar o médico, o dentista e a especialidade que você precisa nunca foi tão fácil.

Conheça mais sobre esse novo sistema no Blog da Appai.





“Pátria Educadora” em debate

Andrea Gouvêa Vieira



Estava ansiosa para ouvir o novo ministro da Educação, Renato Janine Ribeiro, sobre o que fará pela “Pátria Educadora”. Na entrevista que deu recentemente ao Programa Roda Viva, da TV Cultura, o ministro deixou a impressão de que não vê urgência na implementação de ações e na tomada de decisões para enfrentar a triste realidade da Educação nacional. A última avaliação do Ideb para os anos finais do Ensino Fundamental e os três anos do Ensino Médio, por exemplo, mostra uma estagnação nos últimos dez anos – em alguns casos, uma piora no desempenho dos alunos. Alguns avanços nos anos iniciais ocorreram, mas o conjunto da obra preocupa muito.

O *slogan* do Governo Federal é “Pátria Educadora”, mas o ministro Janine não conseguiu apresentar com objetividade como pretende conduzir o Ministério. “Tudo está aberto à discussão”, “vamos aproveitar a falta de orçamento para debater”, “os modelos do ensino tradicional estão em xeque” e “o Ideb é ruim porque o IDH é ruim”, disse o ministro. Enfim, fomos brindados com uma série de lugares-comuns e/ou abstrações, pouco convincentes para quem tem que colocar em prática o Plano Nacional da Educação (PNE) bastante ambicioso, conforme ele mesmo admitiu, ruim, para alguns especialistas, mas que produziu, por

força de lei, os caminhos futuros da Educação Pública.

O gosto admirável pelo debate – “a riqueza está na discussão”, outra de suas afirmações – não deveria ser impedimento para que o ministro revelasse objetivamente do que constará o programa de formação de diretores de escolas, de como o MEC pretende conduzir a questão salarial dos professores e as medidas a serem adotadas para que o Pronatec seja avaliado. Tudo está em discussão... Como se não estivéssemos no décimo terceiro ano de um mesmo governo... Bônus por desempenho, avaliação dos professores, *charters schools* – o que o ministro pensa disso? Ele não disse, mas, pela resposta que deu, “tudo preciso ser consensuado”. Nem tão cedo saberemos em que direção o MEC seguirá.

Provocado sobre o projeto para a Educação elaborado pelo Ministério de Assuntos Estratégicos – com vários pontos conflitantes com o PNE –, o ministro repetiu o mantra: “a proposta do professor Mangabeira Unger é importante para ser debatida, precisamos ter muita discussão”. O ministro também se mostrou aberto à discussão com os grevistas das universidades federais: “Mas eles já chegaram para negociar com uma data marcada para parar”, queixou-se ele, revelando sua pouca experiência com os

movimentos grevistas, pelo menos estando do outro lado da mesa.

Sobre uma proposta concreta para enfrentar o baixíssimo desempenho dos alunos do Ensino Médio país a fora, Janine Ribeiro jogou a questão para outros indicadores, como saúde e renda, que também são baixos. Surpreendente, também, a defesa que fez da qualidade da Educação Pública. Ao dizer o óbvio, citando nomes de algumas escolas públicas de excelência, perdeu a chance de mostrar à sociedade que sabe que a educação pública tem que ser boa para todos, e não para uns poucos.

O atual ministro da Educação, no entanto, foi definitivo e não titubeou quando perguntado sobre a “Ética” no governo petista. “Ética tem a ver com acabar com a miséria”, foi tudo o que conseguiu expressar, para constrangimento geral. Mas, para fazer justiça ao ministro Janine, há que se reconhecer que é um debatedor muito educado.

Andrea Gouvêa Vieira

Jornalista, ex-vereadora do Rio de Janeiro



Recursos didáticos auditivos para o ensino da Física

Sandra Martins

Como atender o que determina a Lei de Diretrizes e Bases no que tange aos alunos com deficiência? A escola tem conseguido debater o tema e desenvolver metodologias adequadas para o alto grau de complexidade que se apresenta no cotidiano? Estes e outros questionamentos norteiam o projeto *Elaboração de recursos didáticos para o Ensino de Física para deficientes auditivos com conteúdos do Currículo Mínimo Estadual do Rio de Janeiro do 2º ano do Ensino Médio*, coordenado pela professora da disciplina, Adriana Bernardes, e realizado no Colégio Estadual Canadá, localizado no município de Nova Friburgo.

A proposta tem como objetivos a promoção da reflexão no ambiente escolar sobre a questão da deficiência, o incentivo à aproximação dos estudantes que apresentem o problema com os demais e a articulação e maior envolvimento entre professor, intérprete de Libras e aluno.

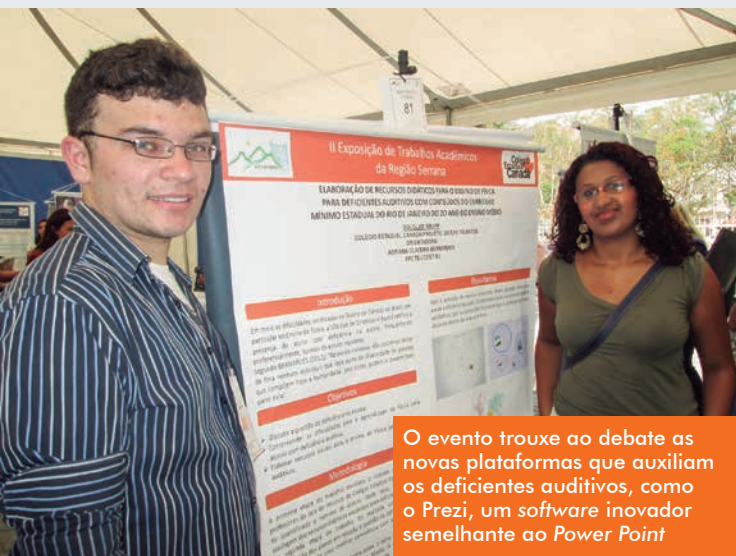
De acordo com Adriana Bernardes, que também é mestre em Física, a LDB ratifica a importância de se manter o estudante com deficiência “preferencialmente” em sala de aula regular. “Vivenciamos um período conturbado em que o ensino de Ciências no Brasil passa por uma crise na qual os próprios alunos ‘ditos normais’ enfrentam sérias dificuldades de aprendizado e encaram as disciplinas da área de exatas de forma muitas vezes negativa”.

Os recursos auditivos didáticos também podem atender, em turmas regulares de ensino, aos alunos que não apresentam a deficiência. O trabalho constituiu-se na produção de textos e vídeos com experiências legendadas. Foram empregados dois programas, o *Power Point* e o *Prezi*. O primeiro tem presença garantida nas escolas e há um grande número de publicações que avaliam o impacto de sua utilização na rede de ensino. A familiaridade com o programa foi o que determinou a sua escolha. Já o *Prezi* permite a criação de apresentações de alto impacto através do conceito de “apresentações de zoom”. Ou seja, é um *software* que utiliza a mesma ideia do *Google Maps* para reduzir e ampliar imagens e textos, causando um impacto positivo na plateia. Este *software*, da modalidade computação em nuvem (*on-line*), poderá substituir o *Power Point*, que não precisa de internet. Quatro foram os grandes motivos para optar por este programa: não se limita ao espaço retangular dos *slides*, oferece liberdade para organizar o conteúdo, foge do padrão já fixado no *Power Point* e cria apresentações mais dinâmicas e interativas.

Como o currículo mínimo é centrado no aprendizado embasado pela história da ciência, o material produzido contou marcadamente com a ajuda da própria trajetória da

Física para reforçar o entendimento da disciplina. A aplicação do material vem ocorrendo na escola e mantém o mesmo caráter inclusivo, passível de ser utilizado tanto em turmas de Educação Especial quanto nas regulares.

O projeto foi exposto em eventos de C&T, como a Semana do Biólogo, do Polo Cederj Nova Friburgo; a Semana Nacional de Ciência e Tecnologia do Município; o Ettar Serra – onde são escolhidos os melhores trabalhos acadêmicos do Estado; e o Simpósio Nacional de Educação em Astronomia.



Explicar para o público os conceitos e teorias que embasaram cada um dos recursos expostos e sua finalidade foi, segundo Adriana, muito importante para elucidar dúvidas e incentivar a troca de informações. A professora lembra com muita satisfação que no Ettar Serra, em evento promovido pela UFF de Nova Friburgo, o projeto ganhou dois prêmios: menção honrosa por sua apresentação, ficando em segundo lugar, e melhor projeto da região serrana.

Para a docente de Física, o que existe é falta de diálogo na comunidade escolar: “Os intérpretes reclamam que nem todos os professores estão interessados nos alunos com deficiência auditiva”. Sem querer ser simplista, ela percebe que a maioria dos profissionais não está preparada para ensinar pessoas com deficiência. Na equipe da educadora, dois estudantes: uma do Projeto de Iniciação à Docência – Pibid, Adriana Ferreira de Souza, e outro com deficiência auditiva, Douglas Knupp.

Inicialmente, o material foi apresentado apenas aos alunos com deficiência auditiva com o objetivo de analisar quais seriam as melhores opções para atendê-los. Após as avaliações e adequações, o projeto vai para a sala de aula oportunizando que estudantes com e sem deficiência possam aprender juntos a lidar com a ciência posta a serviço do ser humano. Adriana, ao falar das dificuldades enfrentadas e soluções desenvolvidas, lembra que nem todas as palavras da Física foram traduzidas para Libras. A solução encontrada para resolver esse problema foi a parceria, ou seja, professora, alunos e intérprete criaram sinais especiais para cada vocábulo que não existia na língua. Para fortalecer a dinamização do processo, passou a haver a necessidade do contato permanente entre as partes envolvidas. “São eles que determinam quais os melhores caminhos a tomar”, afirma a docente.

Para além do aprendizado de conteúdos de Física, o processo desencadeado com a produção desses recursos didáticos enfatiza a constante necessidade da discussão sobre a inclusão de pessoas com deficiência na escola. Os desafios são grandes e envolvem toda a comunidade escolar, incluindo os pais e familiares dos alunos. Por força da legislação as escolas matriculam estudantes com diferentes tipos de comprometimentos sem que necessariamente tenham condições de atender as demandas específicas de alguém com deficiência e ao mesmo tempo dividir a atenção com o restante da turma. Para a professora Adriana Bernardes projetos como este podem, quem sabe, ajudar a sinalizar novas trilhas.

Colégio Estadual Canadá
Rua Jardel Holtz, s/nº – Bairro Olaria
Nova Friburgo/RJ
CEP: 28621-130
Tel.: (22) 3016-0180
E-mail: cecanada@hotmail.com
Coordenadora do projeto: Adriana Bernardes
Fotos cedidas pela escola



Vídeos escolares premiados debatem escola sem muros

Sandra Martins

A participação de um festival de audiovisual para alunos do Ensino Médio estimulou o diálogo sobre o meio ambiente escolar e uma releitura sobre a imagem dos estudantes junto ao corpo docente. Os personagens deste roteiro integram o quadro discente do Colégio Estadual Professora Alcina Rodrigues de Lima, em Itaipu, no município de Niterói, que participou do Festival “Imagens do Ensino Médio em Diálogo” (o Imagens EMdiálogo), realizado pela Universidade Federal Fluminense (UFF) e outras nove instituições de ensino superior. Dos oito documentários inscritos pelo colégio, dois chegaram às finais: “+30 Anos” e “A Solução”.

Uma escola sem muros foi o tema desta terceira edição, que contou com 150 inscrições oriundas de 17 estados e 75 cidades. De acordo com a organização do festival, quase o dobro do ano anterior. Uma comissão julgadora selecionou 36 audiovisuais para a etapa final. A cada nova versão, os organizadores buscam adicionar novidades, como o Prêmio Web de Crítica e o I Encontro de Jovens Produtores de Audiovisual. Os premiados receberam troféus, medalhas e

certificados de participação, além da experiência de estar em um evento estudantil em âmbito nacional.

A primeira novidade consistiu na premiação do vídeo que recebesse melhores comentários durante o festival. Esta comissão julgadora foi composta por estudantes de licenciatura de três universidades federais, integrantes de projetos de iniciação à docência (Pibid), parceiras do projeto. A segunda foi um verdadeiro intercâmbio, na Universidade Federal Fluminense, entre representantes dos vídeos premiados e jovens de outros cinco projetos de formação em audiovisual.

O documentário “+30 Anos”, desenvolvido pela equipe representada pelos alunos Thiago Zurcher e Vitor Lima da Silva, ambos de 16 anos, foi o escolhido por votação entre os vídeos com mais comentários positivos com a sinopse:

“Já vivemos uma escola sem muros, o preconceito está aqui, violência e discriminação idem. Somos vigiados por aqueles que deviam nos proteger. Não somos adolescentes, tampouco estudantes. Somos marginais apenas pelo fato de estudarmos em colégio público estadual. Vivemos uma realidade unificada, somos apenas uma...”



III IMAG

Os premiados receberam troféus, medalhas e certificados de participação, além da experiência de estar em um festival estudantil em âmbito nacional



12 E 13 DE NOV

Cinema na escola

O CEPARL faz parte do programa Ensino Médio Inovador, que apresenta aos alunos disciplinas extracurriculares como a cultura digital e o uso da mídia, cujas aulas são ministradas pelos professores Elenise Zaccur, Sérgio e Gustavo.

Elenise é professora de Matemática e orientou os alunos na produção dos vídeos. Segundo a mestre, entre apresentar a proposta aos estudantes e efetivar as inscrições foram cerca de dois meses de muito trabalho que influenciou positivamente a toda a comunidade escolar. “Eles realizaram oito vídeos, todos críticos. Eu confesso que fiquei preocupada com as reações, mas ao mesmo tempo nos demos conta do que incomodava os alunos. Para mim, a escola era sem

muros, porque possibilitava parcerias. Entretanto, os vídeos trouxeram o olhar dos alunos: grades, câmeras, vigilância”.

A experiência foi marcante tanto para a professora, quanto para toda a comunidade escolar. Mais do que simples revelações sobre a insatisfação dos alunos acerca do meio ambiente escolar, os docentes perceberam que o trabalho que eles vêm desenvolvendo há anos, por meio dos inúmeros projetos pedagógicos, está dando frutos. Existe um movimento reflexivo entre os jovens. “Eles estão debatendo não só o meio ambiente, mas também o seu papel na sociedade, no mundo. Inclusive sobre a desumanização das pessoas vista como dado estatístico”, enfatizou Elenise.

Os cineastas do “+30 Anos”

A equipe do “+30 Anos” foi composta por Suelane, Vitor Lima, Samuel Farias, Lucas Gonçalves, Tiago Zürcher, David Camargo, David Dimytri.

Sinopse: 1984

O filme é uma adaptação do clássico homônimo de George Orwell. Vivendo sob um governo autoritário e que tem o controle total sobre cada ação dos cidadãos, proibindo qualquer tipo de emoção, o burocrata Winston Smith enfrenta problemas ao se apaixonar por Julia.

Samuel, ainda dividido entre História ou Cinema, afirmou que, para estimular as reflexões, resolveu assistir e debater o filme 1984. “Foi muito bacana, pois discutimos o quanto a sociedade – todos nós – está sob constante vigilância. O

que não impede que o cidadão se sinta desamparado ao ser vítima de violências cotidianas”, disse o futuro escritor de roteiros para ficção científica.

Um dos momentos mais estimulantes, entre tantos, foi sinalizado por Vitor e Lucas. Eles comentaram algumas passagens do encontro com professores e produtores de audiovisuais de outros estados. “Estar com aquelas pessoas me deixou muito nervoso. Mas depois entrei no clima, conversando de forma natural. Ficamos num hotel durante quase uma semana. Havia rodas de conversa com professores, muito debate, de assuntos como a crise hídrica, escola como prisão”, disse Vitor, que pretende cursar Artes Cênicas na USP, ao lado do amigo Lucas, que divide seus planos entre Física e Astronomia.

De acordo com Tiago, eles não criaram um roteiro, sequer um esboço. “Com a câmera na mão fomos filmando sem que houvesse um percurso predefinido. Resolvemos desenvolver, na edição, estratégias para chamar a atenção, como a imagem desfocada, por exemplo. E deu um resultado bacana”, afirmou o futuro filósofo ou cineasta, que pretende filmar o livro do Samuel.



David Camargo, um apaixonado por modelos aéreos, biologia e informática, disse que todos já tinham um arsenal de coisas, como grades, câmera etc. Essas impressões foram debatidas com os professores, fundamentais, segundo o estudante. "As críticas se transformaram em imagens, o que tornou o trabalho bacana por conta da afinidade: porteiro abrindo o portão, falta de infraestrutura, buraco e interruptor com fiação solta. Uma verdadeira catarse entre a natureza e o colégio. O céu e as grades, a árvore. A forma como se dá o processo educacional, o 'estudar'. A natureza entre escola e educação mediada pelas grades".

Tiago e David Dimytri lembraram que uma das etapas mais complexas foi a da edição, que durou cerca de um mês. O áudio, por exemplo, de acordo com os jovens, deu muito trabalho, pois tiveram que pesquisar variados *sites* para a escolha da trilha que melhor transmitisse a informação do projeto, além de organizarem as ideias, transições do áudio, filmagens e tudo o mais. "Mas tudo valeu a pena, foi muito rico, aprendemos muito, trocamos muito", afiançaram.

Essa animação dos jovens demonstra que os objetivos do festival, como dos professores das disciplinas Cultura Digital e Uso da Mídia, foram plenamente atingidos: ampliar as técnicas de diálogo no ambiente escolar, oferecendo a possibilidade de estudantes do Ensino Médio compartilharem experiências e visões sobre suas rotinas, produzindo vídeos para serem utilizados como ferramenta de comunicação.

Produções do CEPARL

+30 Anos

A Solução

Ensino Médio Inovador: uma escola com muros

Escola sem muros?

Pequenas mudanças, grandes diferenças!

Mais um dia de aula

Um dia de aula no Ensino Médio Inovador

Colégio Estadual Professora Alcina Rodrigues Lima (CEPARL)
Estrada Francisco da Cruz Nunes, s/no
Italpu – Niterói/RJ
CEP: 24340-300
Tels.: (21) 3701-2423 / 2425
Orientadora: Elenise Zaccur
Fotos cedidas pela escola



A Casa de Artes Paquetá (CAP) desenvolve inúmeros projetos e eventos que têm como objetivo trazer arte, lazer e cultura para seus moradores e visitantes. Tendo essa visão como base e sem perder o foco nas questões sociais, a instituição trabalha também para preservar e revitalizar a ilha e seu acervo cultural e natural, através de projetos de desenvolvimento sustentável, que valorizem e respeitem sua identidade cultural, história, lendas, arquitetura, o paisagismo e o modo único de vida da comunidade. Oportuniza ainda à população local a possibilidade de conhecer melhor suas origens e ter contato com atividades artísticas às vezes muito distantes da sua realidade, como aulas de música, exibição de filmes, recitais, entre outros.

A CAP desenvolve projetos sociais de capacitação artística e cultural e tem um calendário de eventos e séries, divulgados mensalmente, incluindo recitais, chorinho, cineclubes, serestas, exposições, cursos e *workshops*. A visita ao Centro Cultural, que está situado à beira-mar, com vista panorâmica para a Baía de Guanabara e a Serra dos Órgãos, é gratuita, assim como as consultas ao Centro de Memória e à biblioteca. A área total disponibilizada para o público é superior a 1.000 m², oferecendo diversos espaços e salas, internos e ao ar livre, divididos em: local para exposições temáticas e acervo da casa, com telas de artistas consagrados, objetos, móveis e diversas peças relevantes para a história e a cultura paquetaenses; sala para recitais, palestras e apresentações; espaço para atividades de educação artística, musicalização infantil, além de uma cafeteria com lojinha de artesanato.

O embarque para a Ilha de Paquetá é de fácil acesso, através da histórica Praça XV, no centro da cidade. A travessia marítima pode ser feita nas barcas tradicionais, em passeio de 60 a 70 minutos, ou nos catamarãs, em aproximadamente 40 minutos. Uma viagem cultural de 15 km, que desperta o imaginário, onde se deixa a agitação da cidade grande para desfrutar da tranquilidade da Baía de Guanabara. Ao desembarque, passarinhos, cigarras, árvores centenárias, cheiros de terra, de mar, ruas de saibro, casas de época e o silêncio. O caminho de aproximadamente 1,2 km da estação das barcas até a Casa de Artes Paquetá pode ser feito nas tradicionais charretes, em bicicletas, no trenzinho turístico, através de bicicletáxis ou simplesmente a pé. A legislação de preservação da Ilha não permite a circulação de carros, motos ou ônibus. Chegar ao Centro Cultural já é um passeio que encanta o visitante. A Casa de Artes Paquetá é aberta ao público diariamente, das 10 às 17 horas, e a visita é gratuita.

Colaboração: Richard Günter

Casa de Artes Paquetá
Praça de São Roque, 31 – Paquetá – Rio de Janeiro/RJ
CEP: 20397-090
Tels.: (21) 3397-0517 / 3397-2124
E-mail: paquetur@ilhadepaqueta.com.br
Horário: diariamente, das 10 às 17 horas



Educação Científica



Primeiro prêmio de projeto educacional científico da BG Brasil reconhece o trabalho de educadores que atuam no campo das ciências



São ações como essas que contribuem para que nossos estudantes tenham maior interesse pela área de Ciências e um melhor desempenho em sua vida escolar.

Fruto de uma parceria da empresa BG Brasil com a Secretaria de Estado de Educação (Seeduc) e apoio técnico da Fundação Victor Civita (FVC), a edição número um do projeto que premia ações de educação científica teve como objetivo valorizar e estimular o trabalho de docentes da rede pública que atuam nas áreas das Ciências, por meio da divulgação e promoção de boas práticas e projetos científicos. Para a escolha dos vencedores, foram considerados os seguintes critérios: apresentação; inovação; aplicabilidade e potencial de desenvolvimento; articulação entre objetivos e conteúdos curriculares ensinados; metodologia e participação dos alunos; avaliação de aprendizado; e responsabilidade socioambiental. Três vencedores foram contemplados com uma viagem educativa a Londres.

Conheça os vencedores que foram escolhidos por seus projetos inovadores entre os 43 inscritos:

Primeiro lugar

O topo do pódio foi conquistado pelo professor de Biologia Leandro Costa, que leciona no Colégio Estadual Edmundo Bittencourt, em Teresópolis, Região Serrana. O projeto *Por dentro da célula "animando" o seu funcionamento* foi implementado na turma do 1º ano do Ensino Médio.

Para Leandro, o desenvolvimento de projetos durante as aulas ajuda a despertar o interesse dos alunos pelas práticas científicas, inclusive estimulando o uso do celular para processos educativos. "Esse reconhecimento é um sinal de que estamos caminhando na direção certa. Iniciativas como essa possibilitam a disseminação das práticas inovadoras no campo da Ciência. A participação dos estudantes foi fundamental em todas as etapas do processo", exaltou o educador.



O projeto de Luciana Gomes criou uma sequência didática sob a forma de fichas, tabuleiros e ímãs dos seres vivos, que serviram para explicar a fotossíntese e a respiração aeróbica

Segundo lugar

Quem levou a estaca de prata foi a professora de Biologia Luciana Gomes, docente do Ciep 117 – Carlos Drummond de Andrade, em Nova Iguaçu. Tendo como temática a Bioquímica, o projeto criou uma sequência didática para facilitar a apropriação dos conceitos da fotossíntese e da respiração aeróbica, através de um jogo de tabuleiro.

Sobre a metodologia, a educadora dispara: “O jogo é um recurso muito interessante de ser utilizado pois torna o assunto mais atraente, trazendo conceitos abstratos mais para o concreto, sob a forma de fichas, tabuleiro e ímãs dos seres vivos. Além deste aspecto cognitivo, específico de Biologia, o ato de jogar fortalece laços entre os alunos e há a questão de seguir regras, o trabalho em equipe etc., enfim, todo o processo de negociação que ocorre nas relações sociais dentro da equipe para que os objetivos sejam alcançados. É um ganho qualitativo!”.

Mostrando entusiasmo, Luciana promete repassar aos seus alunos todo o conhecimento adquirido durante a viagem a Londres, na qual institutos e museus estão inclusos no seu roteiro de bordo. Quanto ao prêmio, a educadora ressalta: “Vejo como um reconhecimento de que estou no caminho certo e de que vale a pena continuar com aulas diferenciadas e inovadoras que auxiliem a apropriação de conceitos científicos, para que o aluno efetivamente, de posse desses conceitos, se sinta em condições de perceber e questionar o mundo à sua volta”.

Terceiro lugar

O professor de Química Cristiano Maciel encerrou a lista de vencedores. O educador do Colégio Estadual José Francisco de Salles, em Campos dos Goytacazes, realizou o projeto *Plantando educação, colhendo cidadão*.

“Mais de mil alunos já participaram desse trabalho, a maioria do J. F. Salles. Eles ficaram muito felizes com a notícia e fizeram até uma faixa me parabenizando. O prêmio é importante, mas esse reconhecimento é o melhor incentivo”, frisou o professor. Durante a cerimônia de entrega do I Prêmio de Educação Científica da BG Brasil, realizada no Museu de Arte do Rio (MAR), o secretário de Estado de Educação, Wilson Risolia, parabenizou os vencedores e todos que participaram do concurso pelo empenho e iniciativas inovadoras. “São ações como essas que contribuem para que nossos estudantes tenham maior interesse pela área de Ciências e um melhor desempenho em sua vida escolar. Temos muitos professores talentosos e dedicados na nossa rede. Tenho a certeza de que muitos deles também estarão aqui no próximo ano”, ratificou Wilson.

O presidente da BG Brasil, Nelson Silva, enalteceu: “Quanto mais a gente energizar o setor da educação na área de Ciências, mais alcançaremos nossos objetivos. Hoje, além de festejar o prêmio em si, queremos celebrar a educação científica e aqueles profissionais que se esforçam e que contribuem tanto para formação dos nossos jovens nessa área. Nós entendemos que Ciência, Matemática e Tecnologia são as melhores formas de promoção social. Sem dúvida alguma, é o que faz a diferença. O que leva alguns países a se desenvolverem mais do que outros são a ênfase e a dedicação que eles colocam nessas áreas”.

Colaboração: Richard Günter

Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro
Av. Professor Pereira Reis, 119 – Santo Cristo – Rio de Janeiro/RJ
CEP: 20220-800
Tel.: (21) 2380-9055
E-mail: ascom@educacao.rj.gov.br
Fotos: Marcia Costa/Seeduc-RJ



Línguas e culturas

Tony Carvalho

Através da linguagem cada grupo expressa o pensamento, sua cultura, costumes e tudo o que existe ao seu redor. Pela teoria proposta pelos linguistas Edward Sapir e Benjamin Lee Whorf, se o homem constrói o mundo através de processos referenciais, a língua funciona como um filtro sobre o que é percebido. Estimulados a mostrar à comunidade escolar o papel do idioma na elaboração da identidade de povos, alunos do Ensino Médio do Colégio Estadual Alfredo Neves, em Nova Iguçu, participaram da Primeira Feira Cultural de Línguas (Fecull). O que se viu durante a culminância foi um mosaico representativo de hábitos e comportamentos de cerca de 40 países que usam como oficiais idiomas como o espanhol, o inglês e o português.

O projeto foi coordenado pelas professoras Rosemary Lima (Espanhol), Cristina Viana e Jucimara Teixeira (Inglês) e Kenya Roberta (Português). A ideia foi mostrar variados aspectos culturais como ritmos musicais, culinária, danças, arquitetura, personalidades esportivas, políticas e do mundo das artes. "O projeto surgiu de um sonho e da vontade de que os alunos vivenciassem um dia de *hispanidad*, acrescentando que, atualmente, o Espanhol faz parte da grade curricular das escolas estaduais e municipais que, além de ensinar a língua, precisam mostrar a cultura dos povos. O projeto agradou tanto os professores de Português e Inglês, que chegaram a sugerir que criássemos uma feira para tratar desses idiomas que os alunos estudam", conta Rosemary.

As 11 turmas se dividiram em equipes que montaram estandes, cartazes, maquetes e folhetos explicativos. Caracterizados com roupas produzidas por eles próprios, os alunos representaram à altura cada

Os alunos confeccionaram bandeiras e roupas que representaram hábitos e comportamentos de cerca de 40 países



país estudado. “O conteúdo do projeto foi conciliado com o programa de sala de aula. Nós exploramos a língua escrita e falada, o vocabulário e a gramática”, conta a professora Cristina. “O objetivo final é lembrar dos países que fazem parte das Américas, da Europa e da África, que justificam essa mistura de culturas que se apresentam em nosso país todos os dias”, acrescenta a professora Jucimara. O trabalho interdisciplinar também foi explorado. Professores de outras disciplinas se engajaram e passaram a abordar suas próprias matérias. A moeda dos países foi um gancho para a inclusão da Matemática e, nas aulas de Geografia, o foco recaiu na localização e no clima.

Segundo a professora Kenya, a feira fez com que muitos alunos descobrissem que a Língua Portuguesa não é falada apenas no Brasil e em Portugal. “Com o projeto, eles perceberam as diferentes características e dialetos que existem num mesmo idioma. Foi uma experiência enriquecedora na qual o estudante percebe que ele é o protagonista de todo o processo”, completa. A feira teve início com o desfile das bandeiras dos países abordados. Durante a culminância, professores de outras disciplinas que não se envolveram diretamente no projeto visitaram os estandes para avaliar a apresentação, a organização e a participação. Os docentes da área já tinham uma planilha organizada durante todas as etapas, registrando o desempenho de cada aluno, individual e em grupo.

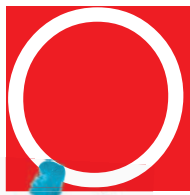
O estudante do 2º ano Gustavo Rocha pesquisou a cultura da Espanha e traçou um paralelo entre uma tradição do

passado e outra do presente: “Ao lado do flamenco, a tourada é um dos signos de identidade da Espanha mais conhecidos do mundo. Outrora, os toureiros fascinavam os espanhóis e gozavam de grande prestígio. Nos dias atuais são os jogadores de futebol que provocam tanta admiração”, compara.

Já sua colega Luana de Souza elaborou uma maquete sobre a Inglaterra, destacando o regime monárquico, o parlamento, a economia, o *big ben* e alguns personagens literários, como Harry Potter e Sherlock Holmes. A aluna Nayra Meireles pesquisou sobre o Timor Leste e admite que ficou perplexa com o que descobriu: “Não tinha a menor ideia de que esse país existia. Ele fica localizado no sudeste da Ásia, faz apenas 12 anos que se tornou independente e é um dos mais pobres do mundo. Lá, fogão e geladeira são artigos de luxo”, se espanta.

A diretora Rosinea Soares Oliveira lembra que, com a implantação do Ensino Médio integral, os alunos passaram a se envolver mais com as produções acadêmicas. “O projeto despertou o senso crítico e de responsabilidade em todos os alunos. E, agora que eles ficam mais tempo na escola, novos trabalhos interdisciplinares surgirão”.

Colégio Estadual Alfredo Neves
Rua Cruz e Sousa, 100 – Carmari – Nova
Iguaçu/RJ
CEP: 26022-281
Tel.: (21) 3101-1338
E-mail: cealfredoneves@educacao.rj.gov.br
Diretora-geral: Rosinéa Soares Oliveira
Fotos: Tony Carvalho



maravilhoso

mundo das

cores



Tony Carvalho



Através do projeto, os pequenos tiveram a oportunidade de entrar em contato com esse mundo de cores e formas



As cores estão presentes em tudo o que nos cerca. Elas expressam nossas ideias, sentimentos e são também um dos pré-requisitos que a criança precisa para se desenvolver. Ao nascer, ela já entra em contato com esse mundo de cores e formas. E foi com o objetivo de criar situações estimulantes que desafiem as crianças a participar de práticas educativas, expandindo sua exploração de mundo e possibilitando apropriar-se de diferentes linguagens, que a equipe pedagógica do Espaço de Desenvolvimento Infantil (EDI) Professora Maria do Carmo Piran, em Bangu, desenvolveu o projeto anual intitulado *O maravilhoso mundo das cores*. Inspirados no livro "Qual é a cor do amor", de Linda Strachan, o trabalho foi iniciado, mostrando às crianças que o amor está presente em todas as cores da natureza, na música, nas artes e na nossa vida, levando-as a observar como elas nos ajudam a viver, de que modo revelam nossos sentimentos e simbolizam nosso cotidiano.

De acordo com a diretora-geral do espaço, professora Rosane Machado Costa, a proposta foi colorir os olhos dos alunos, levando-os a conhecer um mundo cheio de encantamento, com práticas lúdicas, descobertas e criatividade. "Percebemos que a variedade de cores presentes nos brinquedos, nas plantas do jardim da escola, nos alimentos oferecidos nas refeições e nas atividades que são realizadas utilizando diversos materiais despertava a atenção de nossas crianças. Então, nos questionamos como está sendo a infância delas. Colorida ou preta e branca? Acreditamos que o espaço da Educação Infantil faz a diferença na vida dos pequenos e de suas famílias, e que o perfeito desenvolvimento do educando também depende da interação de toda a comunidade escolar", argumenta.

A diretora adjunta Emilce Cruz destaca que o EDI também atua na inclusão de alunos especiais. "As crianças aprendem muito umas com as outras. Sabemos que uma turma não é homogênea. Cada um tem um ritmo, uma forma de compreensão. Então elas mesmas vão trocando ensinamentos entre



si, tanto na observação quanto na interação uns com os outros. A inclusão é importante não só para a criança com deficiência – que não se sente isolada –, mas também para as outras, que desenvolvem a cooperação e a solidariedade", explica a educadora. Há 34 anos no magistério, Emilce já trabalhou com diversas faixas etárias, mas, segundo ela, a primeira infância é a melhor de todas. "A criança está aberta ao aprender. Tudo pra ela é descoberta. É um trabalho gratificante, pois você percebe uma resposta muito rápida".

O projeto culminou com uma exposição de trabalhos produzidos pelos pequenos. Cada uma das turmas do Berçário ao Maternal II promoveu atividades em que foram vivenciados os mundos animal e vegetal, suas características, curiosidades e a diversidade de cores que essa natureza apresenta. As crianças também fizeram releituras de obras de pintores que expressaram em seus quadros a fauna e a flora. Cada turma se dedicou a um artista: Van Gogh, Romero Brito, Ivan Cruz, Di Cavalcanti e Tarsila do Amaral. "O projeto se propôs a criar situações estimulantes que levem nossos pequenos a participar das práticas educativas, expandindo sua visão de mundo e possibilitando o conhecimento de diferentes linguagens, criando um ambiente harmonioso, integrando a criança nos espaços do EDI, permitindo a observação e exploração de todos os ambientes. Compõe este contexto a relação de



As crianças também fizeram releituras de obras de pintores que expressaram em seus quadros a fauna e a flora



tempo, de espaço, de interação entre crianças e crianças, crianças e educadores, crianças e comunidade escolar. Instigamos a curiosidade, trazendo uma proposta lúdica, utilizando o brincar, o faz de conta na criação de hipóteses, na inventividade, na expressão corporal e verbal”, relata a coordenadora pedagógica Maria Lucia Gomes Santos.

De forma descontraída, as turmas trabalharam conceitos, reconheceram a existência de formas e cores, asso-

ciando-as com outras aprendizagens. As professoras Deise Santos e Lídia Alves, do Berçário 1, trabalharam releituras de Van Gogh utilizando massinha, guache, jornal e gesso. Já a turma do Maternal 1, da professora Tatiane Silva, abordou a arte de rua, desde as obras do profeta Gentileza aos grafiteiros urbanos. As crianças trabalharam com as técnicas do estêncil, do papel machê e até fizeram uma escultura do Cristo Redentor com areia e material reciclado.



A ExpoArte também disponibilizou um espaço para as mães, com o tema “Mãe também faz arte”, onde ficou registrada a participação delas através de pinturas com tinta guache. “Pensamos numa atividade simples para que todas elas pudessem se envolver e sentir que têm a capacidade de fazer arte e, assim, influenciar positivamente o filho no processo de aprendizado. Utilizamos a técnica da pintura da bola de gude. No início, muitas estavam receosas, achando que não seriam capazes, mas, quando os resultados foram aparecendo, se transformaram, demonstrando orgulho com suas produções e fazendo questão de mostrar para seus filhos. Essa interação é importante, pois é necessário acompanhar o que se passa com nossas crianças”, enfatiza

Rosane, que completa: “Com esse envolvimento, os pais participam e também aprendem. A escola sozinha não caminha. É fundamental que haja essa sintonia para que os pequenos se desenvolvam plenamente em todas as áreas. Quando esse discurso é colocado em prática, as respostas são muito positivas”.

EDI Profª Maria do Carmo Souza Piran
Rua Manoel Francisco Silva, s/nº – Bangu
Rio de Janeiro/RJ
CEP: 21862-620
Tel.: (21) 2403-3677
E-mail: edipiran@rioeduca.net
Diretora-geral: Rosane Machado Costa
Fotos: Tony Carvalho

Termos Essenciais nas Orações

Sandro Gomes*

Agora, dando continuidade aos estudos de sintaxe, vamos conhecer as diversas funções que as palavras podem ocupar nas frases. Começaremos pelos Termos Essenciais da Oração, que são aqueles componentes que formam a estrutura básica das sentenças, permitindo que elas tenham significado. Eles são o Sujeito e o Predicado. Vamos conhecê-los mais um pouco?

O **sujeito** é aquele do qual se diz alguma coisa, ou aquele que pratica ou sofre uma ação expressa pelo verbo.

O núcleo do sujeito

É aquele termo que realmente pratica a ação citada na oração. Veja:

O **funcionário recém-contratado** organizou os arquivos.

O sujeito da oração é "O funcionário recém-contratado". No entanto, repare que quem realiza a ação é o "funcionário", sendo o adjetivo "recém-contratado" apenas um termo que informa alguma coisa sobre o sujeito. O núcleo do sujeito é, pois, "o funcionário".

Tipos de Sujeito

Os sujeitos podem estar expressos nas orações de várias maneiras diferentes.

Sujeito Determinado – É aquele facilmente identificado na oração, podendo ser de três tipos.

- Simple, quando só possuir um núcleo. Exemplo: **A palestrante** iniciou os trabalhos.
- Composto, quando houver dois ou mais núcleos. Exemplo: **O vermelho e o amarelo** se destacam como cores quentes.
- Implícito ou elíptico, quando não aparece mas pode ser facilmente identificado. Exemplo: **Sáimos** (nós) com pressa daquela confusão.

Sujeito Indeterminado – Ocorre quando não é possível determiná-lo em uma oração. Pode acontecer de duas formas. Na primeira sempre aparece o verbo na 3ª pessoa do plural, enquanto na segunda emprega-se a partícula *se*, que exerce a função de elemento indeterminador do sujeito. Observe:

Disseram que o professor havia faltado.
Precisa-se de novos profissionais.

Orações sem sujeito – Existem orações que não apresentam sujeito, isto é, o predicado não se refere a nenhum ente. Normalmente essa situação envolve ações que expressam fenômenos naturais ou verbos como *ser*, *haver*,

fazer, empregados de forma impessoal. Veja exemplos:

Amanheceu com nevoeiro na cidade. / **Há** muito o que fazer por aqui. / **São** já dez da manhã.

O **Predicado** é o termo que contém o verbo e diz alguma coisa sobre o sujeito. Os predicados podem ser de vários tipos quanto à estrutura das orações a que pertencem. Acompanhe os seguintes modelos:

O avião aterrissou. – sujeito + verbo intransitivo
Os acionistas compraram a empresa. – sujeito + verbo transitivo direto + objeto direto
Elas não necessitam de mais agrados. – sujeito + verbo transitivo indireto + objeto indireto
Ela solicitou mais recursos à chefia. – sujeito + verbo bitransitivo + objeto direto + objeto indireto
O computador permaneceu desligado. – sujeito + verbo de ligação + predicativo do sujeito
As pessoas têm necessidade de paz. – sujeito + verbo transitivo direto + objeto direto + complemento nominal

Tipos de Predicado

Predicado Nominal – Está baseado no estado do sujeito e não na ação. O núcleo do predicado, nesse caso, é chamado predicativo do sujeito e será sempre um substantivo, pronome ou adjetivo. Exemplo:

As pessoas **andam tensas**.

Predicado Verbal – Nesse caso a ação é fundamental para a oração, de forma que o verbo é o núcleo do predicado. Veja:

Os alunos **receberam a vacinação**.

Predicado Verbo-nominal – Agora, tanto a ação quanto o predicativo aparecem como núcleos.

Muitos **chegaram** (ação) **debilitados** (estado).

Amigos, sobre os Termos Essenciais da Oração é isso. Na próxima edição prosseguiremos com nossos estudos sobre a sintaxe da Língua Portuguesa, abordando os Termos Integrantes da Oração. Até a próxima, pessoal!

***Sandro Gomes** é Graduado em Língua Portuguesa e Literaturas Brasileira e Portuguesa, Revisor da Revista Appai Educar, Escritor e mestrando em Literatura Brasileira.

Amigo leitor, dúvidas, sugestões e comentários podem ser enviados para a redação da Revista Appai Educar, através do e-mail: redacao@appai.org.br.



Música no Museu

Projeto promove troca de experiências entre público, músicos e artistas plásticos



Em 1997 surgiu o projeto *Música no Museu*, que se tornou a maior série de música clássica do Brasil, reconhecida pelo *RankBrasil*, a versão brasileira do *Guinness Book*. Atualmente, a iniciativa realiza o maior número de concertos mensais na cidade do Rio de Janeiro, destacando-se entre os demais por serem totalmente gratuitos, englobando diversos gêneros musicais, que vão de antigos a contemporâneos. A variação enorme de intérpretes e seus respectivos instrumentos traz ainda um caráter didático de formação de plateia, sempre com estudantes presentes. Com o diálogo fluente entre os artistas e o público, o ambiente torna-se propício para a ampliação de conhecimentos. Uma das peculiaridades do grupo é que, paralelamente aos nomes internacionais e nacionais já consagrados, há a valorização dos compositores brasileiros da atualidade com a interpretação de suas obras. Estes, por sua vez, sempre que podem retribuem estando presentes nos espetáculos, e assim ficando mais perto de seu público, o que torna a experiência extremamente enriquecedora.

Inspirado em iniciativas idênticas nos museus de maior expressão no mundo, Sérgio da Costa e Silva, criador e diretor do projeto, submeteu a ideia à então diretora do Museu Nacional de Belas Artes e, a partir daí, iniciou uma escalada que hoje reúne 80 espaços em todo o Brasil e que também se expandiu para o exterior. Os números impressionantes destacam mais de 500 concertos por ano, de norte a sul do Brasil, com a participação de cerca de 2.500 músicos, além de uma vertente internacional. Outro dado interessante é que os cartazes dos programas mensais são criados por artistas plásticos. Estuda-se também a elaboração de um ambiente designado "Sala Música no Museu" em um espaço cultural da cidade do Rio, no qual ficarão expostos todos os trabalhos realizados.

O projeto visa formar novas plateias, facilitando a presença de crianças e jovens aos concertos, oferecendo espetáculos de alto nível artístico a custo zero, além de manter um evento de difusão cultural que atinja públicos distintos, com boa visibilidade na mídia, e que atraia amantes da arte. Outra preocupação é quebrar as barreiras entre eventos de música clássica e de outros gêneros quanto ao interesse do público em geral e aos locais de apresentações. Proporcionam, ainda, o incentivo a jovens músicos, dando a eles a oportunidade de mostrar seu trabalho em locais de prestígio, para uma plateia interessada e conhecedora, como é o caso do pianista Pablo Rossi, que aos 14 anos ganhou o concurso "Nelson Freire de Piano", e que se apresentou com a Orquestra Sinfônica Brasileira no Teatro Municipal do Rio de Janeiro.



A iniciativa busca concretizar o maior número de concertos mensais na cidade do Rio de Janeiro. Nestes 18 anos de atividades registra-se um público de 650.000 pessoas

Desde 2004, o *Música no Museu* conta com o apoio das Embaixadas Brasileiras e do Departamento Cultural do Itamaraty. Por este motivo, o projeto já visitou diversos países, como Portugal, Espanha, República Tcheca, Marrocos, França, Inglaterra, Estados Unidos, Índia, Austrália, Áustria, Argentina e Chile, atendendo à proposta de levar música e músicos brasileiros para o exterior. Paralelamente e no seu âmbito, realiza-se também o Festival Internacional de Harpas, o RioHarpFestival, já na sua 9ª edição, e que colocou o Brasil no circuito mundial do instrumento.

O *Música no Museu* é dividido em cinco temporadas: concertos de verão, outono, inverno, primavera e Natal. Cada mês privilegia um tema ou um naipe. Janeiro homenageia "Os Imortais da Música Brasileira". Em fevereiro a ênfase recai sobre os clássicos do carnaval. Já março é o mês de comemoração ao Dia Internacional da Mulher, com musicistas mulheres apresentando canções preferencialmente compostas por nomes femininos. Abril fica designado para um programa misto; maio é dedicado às harpas com o RioHarpFestival; o mês de junho enaltece a voz; julho, música antiga; agosto contempla as cordas; setembro, os pianos; outubro e novembro, sopros e percussão; e no mês de dezembro finaliza com os tradicionais concertos natalinos.

Nestes 18 anos de atividades registra-se um público de 650.000 pessoas e uma mídia espontânea de milhares de publicações em todos os veículos do Brasil, como rádios, TVs, jornais, revistas, internet e até do exterior, com destaques para matérias em periódicos como *The New York Times* e *Le Monde de la Musique*, entre outros. Destaque também para a excelência do projeto, que já recebeu inúmeros prêmios e honrarias nacionais, como a Ordem do Mérito, Cultural, Golfinho de Ouro, Embaixador do Rio, Mérito do Trabalho,



O projeto dá espaço aos jovens talentos, que se apresentam ao lado dos grandes nomes da música e personalidades brasileiras



Urbanidades do Instituto dos Arquitetos do Brasil, Personalidade Cultural do Ano, e internacionais como o Cultura Viva da Unesco e *Latin American Quality Awards* (recebida na PUC em Buenos Aires), gerando até mesmo a monografia

de Marie Hoffman, uma importante psicanalista alemã, da Universidade Humboldt, de Berlim, sob o título: "*Die Rolle der Klassik im öffentlichen Leben in Rio de Janeiro und die Konzertreihe*", que na tradução livre para o português quer dizer: "*O papel da música clássica na vida pública no Rio de Janeiro e a série de concertos*".

Para o criador e diretor Sérgio da Costa e Silva, ao realizar concertos de janeiro a dezembro, o projeto alterou o calendário da música clássica no Brasil, que tradicionalmente acontecia de março a novembro. "Renovando seu quadro, que dá espaço aos jovens talentos, principalmente os ganhadores de prêmios, que se apresentam ao lado dos grandes nomes da música clássica brasileira, o projeto vem em busca da democratização do acesso à cultura, unindo música às artes plásticas, tendo como cenário edifícios arquitetônicos e históricos de todo o Brasil", ratifica. Colaboração: Richard Günter



Música no Museu (Carpex Empreendimentos e Promoções)
Praça Pio X, 55 – grupo 202 – Centro
Rio de Janeiro/RJ
CEP: 20040-020
Tels.: (21) 2253-8645 / 2233-6711
E-mail: musicanomuseu@ig.com.br
Site: www.musicanomuseu.com.br
Fotos cedidas por Sérgio da Costa e Silva



Libras: a segunda língua oficial do Brasil

A Libras (Língua Brasileira de Sinais) é uma forma de linguagem natural, criada para promover a inclusão social de deficientes auditivos. Ela possui uma estrutura gramatical própria com aspectos semânticos, sintáticos, morfológicos etc. O que a difere das outras línguas usadas atualmente é que, em vez do som, utilizam-se os gestos como forma de comunicação. Movimentos específicos realizados com as mãos e combinações corporais e faciais se tornam marcas registradas da língua.

A Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, determinou que as universidades que oferecem cursos de formação de professores e de fonologia devem ter a disciplina de ensino de Libras em suas grades curriculares, afinal hoje ela é reconhecida como uma das línguas oficiais do país, de modo que ter conhecimento neste âmbito é um importante diferencial. Essa medida representou um grande avanço para a valorização da língua de sinais e para a capacitação dos futuros profissionais. Desse modo, os estudantes puderam conhecer um pouco sobre a vivência e as necessidades dos surdos e, com seu trabalho, contribuir para a inclusão deles na sociedade. O mercado oferece muitas vagas para intérpretes devido à legislação que estabelece o direito do indivíduo surdo de ser atendido em seu idioma em qualquer instituição pública. Assim, como ainda existem poucas pessoas qualificadas, são muitas as oportunidades para aqueles que sabem utilizar esse meio de comunicação.

Os estudos em indivíduos surdos demonstram que a língua de sinais apresenta uma organização neural semelhante à da língua oral, ou seja, ela se organiza no cérebro da mesma maneira que os idiomas falados. Na maioria dos países, há pelo menos uma língua de sinais usada amplamente na comunidade surda local, diferente do idioma falado que é utilizado na mesma área geográfica. Isto se dá porque as línguas de sinais são independentes das orais, pois foram produzidas dentro das comunidades surdas. A língua de sinais estadunidense é diferente da britânica, que difere, por sua vez, da francesa. Portanto, uma pessoa que entra em contato com uma língua de sinais aprenderá outro idioma, como alguém que começa a estudar o francês, inglês etc. Em outras palavras, as línguas de sinais não são universais, pois cada país possui a sua própria, que sofre as influências da cultura nacional. Como qualquer outro idioma, ela também possui expressões que diferem de região para região (os regionalismos), o que a ratifica ainda mais como língua. Ao contrário do que muitos imaginam, as línguas de sinais não são simplesmente compostas de mímicas e gestos soltos, utilizados pelos surdos para facilitar a comunicação. São línguas com estruturas gramaticais próprias.

O ensino de Libras nas universidades brasileiras é uma vitória para a comunidade surda, pois, uma vez presente na ata curricular, gera mudanças sociais, não somente por sua aplicação nas instituições de ensino, mas pela importância da



aceitação e compreensão por parte dos alunos e, principalmente, pela inclusão social. Dessa forma, pode-se concluir que a utilização da linguagem brasileira de sinais deve ser cada vez mais popularizada e incentivada, não apenas nas instituições escolares, como também na sociedade em geral, colaborando para a melhoria da qualidade de vida dos surdos.

Tendo em vista esses fatores, a professora Mirtha Nassralla vem contribuindo há 7 anos com a comunidade surda. Após se deparar em sala de aula com problemas de comunicação com um aluno deficiente auditivo, a educadora passou a estudar por conta própria para conseguir atender este público, que vem crescendo, de acordo com o censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2010. Atualmente, Mirtha escreve um livro sobre a temática, com o intuito de fortalecer a inclusão social. Para ela, a Libras deveria estar presente principalmente no ensino básico, e não apenas nas instituições de ensino superior, como ocorre atualmente, pois os coordenadores preparam os docentes e acabam por esquecer que o aluno surdo também precisa de interação com toda a comunidade escolar. “Como serão realizadas as atividades em grupo? Como solicitar uma informação à ‘tia’ da secretaria ou pedir um lanche? Ao meu ver é de suma importância que todos os estudantes tenham acesso ao ensino de Libras. A inclusão só será de fato completa quando não só os professores mas também toda a escola puder interagir com os alunos surdos. Libras não é só uma língua, envolve toda a cultura e história de uma comunidade, e ter acesso a esse mundo é um privilégio de valor imensurável. A pessoa surda hoje estuda, trabalha, viaja, se relaciona, enfim já não é limitada como há uns 5 anos atrás”, ressalta a educadora.

Hoje no Brasil já é possível detectar não só a surdez, mas a deficiência auditiva logo depois do nascimento, através do exame de Triagem Neonatal, popularmente conhecido como “Teste da Orelhinha”. Mas as gestantes ou parturientes devem estar conscientes de que o teste deve ser feito no primeiro mês de vida, de preferência até o quarto dia de vida. O teste é indolor e não machuca a criança, que tem que estar dormindo naturalmente. Não há contraindicações, dura cerca de 10 minutos e não precisa de picadas ou amostra de sangue do bebê. De acordo com o professor de Educação Especial e Libras, Israel Cardoso, o exame é feito através de um fone acoplado em um computador e na orelhinha do bebê, sendo emitidas ondas sonoras fracas, que recolhem as respostas das orelhas internas da criança. O teste é obrigatório e gratuito. Mas mesmo com o exame existe a vertente da medicina que afirma que só é possível identificar realmente a surdez a partir dos dois anos de idade, fase da vida em que a linguagem está sendo desenvolvida.

Não há uma faixa etária ideal para a criança ser alfabetizada em Libras. O que existe é a sua inserção em um ambiente familiar onde a língua se encontra presente a todo momento. “Quanto mais cedo a criança aprender os sinais, mais ela vai se desenvolver, e para que isso aconteça é de extrema importância que a família aceite a deficiência auditiva/surdez e passe a estudar e dominar a forma comunicativa o mais rápido possível. Mas infelizmente no Brasil ainda não se tem um incentivo deste nível para que a língua seja praticada desde cedo. Sem contar o preconceito da própria família para com a deficiência, o que acaba prejudicando mais ainda”, relata Israel.

O professor ainda enfatiza: “Ensinar Libras na educação básica é o mesmo que ensinar a leitura de mundo para um aluno ouvinte através da língua portuguesa. É oportunizar a comunicação total entre ouvintes e surdos. É propiciar ao discente surdo, através do ensino intelectual, o conhecimento do mundo que o cerca através de sua comunicação. É sem dúvida nenhuma promover a inclusão. Não enxergo outra maneira a não ser esta de atingirmos o respeito e quebrarmos o paradigma de que aprender Libras é difícil. Nada de ficar preso somente em aprender a língua, vamos incentivar nossos alunos a se expressarem de outras formas, através da prática

esportiva, do teatro, da dança, do desenho, das atividades artesanais etc.

Lembrem-se sempre que os surdos são pessoas como os ouvintes, que choram, brincam,

Educação Especial – Ministério da Educação, com recursos do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), através de convênio com a Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos (Feneis).

O tradutor automatizado de Português x Libras foi desenvolvido para ser utilizado em sala de aula, televisão, internet e em construções de livros visuais, traduzindo informações em português de origem textual ou sonora para Libras, por meio de sinais animados e apresentados via computador. A implantação ameniza, a médio prazo, o impacto da inclusão do aluno surdo no sistema de ensino regular, reduzindo problemas de inserção financeira e de resultados. O uso da tecnologia vem



sorriem, sentem fome, frio, precisam de carinho, de correções quando crianças e tudo mais que um ouvinte sente, só que expressam isso através do corpo e de sinais”.

Dicionário de Libras

Uma iniciativa da sociedade Acessibilidade Brasil oferece aos internautas um “Dicionário Virtual de Libras” com uma vasta lista de itens que compõem o cotidiano dos cidadãos. Ainda em construção, o usuário pode pesquisar por ordem alfabética, por palavras e também por assuntos. A novidade fica por conta dos vídeos, pois para cada descrição há uma figura referente à palavra, além de uma imagem em movimento representando com exatidão o gesto com as mãos e as combinações corporais e faciais corretas. O projeto, iniciado em 2001, atualmente é apoiado pela Secretaria de

proporcionando integração linguística entre surdos e ouvintes, além de permitir acesso aos meios de comunicação e entretenimento, como jornais, revistas, livros, televisão, teatro, cinemas, entre outros.

Acesse o “Dicionário Virtual de Libras” no site www.acessibilidadebrasil.org.br/libras

E você, caro leitor, qual tema gostaria de ver na próxima edição da revista? Siga a *fanpage* da Appai no Facebook (www.facebook.com/appairj) e o app Instagram (www.instagram.com/appairj), e deixe um comentário ou envie um e-mail para redacao@appai.org.br. Estamos aguardando sua sugestão!

Colaboração: Richard Günter



Educação inclusiva pela Língua de Sinais



Conhecimento para transformar a escola

Tony Carvalho

A educação especial inclusiva no Brasil se tornou um mecanismo de discussão e de práticas de ações que contemplam o exercício da efetivação do respeito aos direitos humanos e repúdio ao preconceito. Os crescentes diálogos sobre a questão da acessibilidade possibilitaram que milhões de crianças, adolescentes, jovens e adultos pudessem ter o direito a um ensino com qualidade. O ideal de inclusão defendido pelas leis atuais prevê que todos possam frequentar a escola regular, e esta deve se fazer apta a recebê-los. Mas o que acontece quando a primeira língua dos alunos não é o português? Nesse caso, o ensino de Libras (Língua Brasileira de Sinais) se faz necessário. No Rio de Janeiro, a gerência da 6ª Coordenadoria Regional de Educação vem realizando um trabalho nesse sentido, oferecendo aos professores cursos que os capacitem a lidar com estudantes surdos.

Para a professora Kátia Barboza, gerente da GED da 6ª CRE, a escola é um espaço singular para o desenvolvimento da aprendizagem de forma sistemática, frente ao movimento de acessibilidade e, para tanto, precisa priorizar o ensino da Libras a surdos e ouvintes como uma das condições para garantir a permanência e o sucesso escolar. "Quando chegamos na GED, em 2011, começamos a investir na questão da inclusão e, para tanto, iniciamos um processo de capacitação dos professores com o curso de Libras, ministrado pela professora Cristiane Penha, para que nossos educadores tivessem mais condições de entender nossas crianças, de poder ajudá-las, trazendo-as para perto da gente e, em consequência, suas famílias, uma parceria fundamental para que o trabalho flua com mais facilidade", afirma Kátia.



Para Kátia Barboza, gerente da GED da 6ª CRE, é necessário priorizar o ensino da Libras a surdos e ouvintes para garantir a permanência e o sucesso escolar

Há duas instituições bilíngues na 6ª CRE: a Escola Abraham Lincoln, em Anchieta, e a General Osório, em Coelho Neto

Desde a implantação do curso de Libras, muitos frutos já foram colhidos. Mais professores estão participando e os resultados têm sido excelentes. "A gente fica feliz de ver que está surtindo efeito e que as crianças estão sendo beneficiadas com isso. Já temos duas instituições bilíngues na 6ª CRE, a Escola Abraham Lincoln, em Anchieta, e a General Osório, em Coelho Neto. As escolas avançaram muito, pas-

saram a ser realmente inclusivas e hoje são referências em língua de sinais", complementa Kátia. Os profissionais já capacitados para trabalhar com Libras contam também com a ajuda de intérpretes, que atuam nas escolas, marcando presença na sala de aula junto ao professor.

Além do curso de Libras, que consiste em quatro módulos semestrais, a coordenadoria também promove eventos anuais que possibilitam o intercâmbio entre as escolas e a troca de experiências bem-sucedidas. Um exemplo foi o III Fórum, realizado no auditório da Escola Municipal Maurice Maeterlinck, em Guadalupe, e que abordou a importância das ações previstas na Lei 10.436/2002 e no Decreto-lei 5.626/2005, nos quais recomenda-se a aquisição da Língua Brasileira de Sinais como primeiro idioma e o Português escrito como segundo.



O evento contou com a presença de responsáveis, alunos, docentes, instrutores, intérpretes e representantes de escolas e creches. A professora Christiane Penha palestrou sobre os cuidados quanto à prevenção da surdez e os indicativos de perda auditiva. Na sessão "Relato de Experiências Bem-sucedidas", houve a apresentação do trabalho realizado pela professora da sala de Recursos Cláudia Carvalho, pelo instrutor de Libras Rangel e pelas intérpretes Sulamita e Maria Regina, todos do Ciep Oswald de Andrade. "O mais importante é você conquistar e abrir espaços na escola, através de um conjunto de intenções, ações e compromisso com o trabalho. Quando a sala de recursos foi implantada, muitos se perguntavam quem eram aqueles alunos e como eles seriam estimulados. Começamos a participar de todas as atividades da escola, a estar presentes em feiras literá-

A coordenadoria também promove eventos anuais que possibilitam o intercâmbio entre as escolas e a troca de experiência





A partir dos jogos desenvolvidos pela educadora Lívia Souza, foi possível, na instituição, aguçar o interesse dos alunos em aprender Libras

rias, expor trabalhos em Libras, braile e também acompanhar as produções dos estudantes que apresentam deficiência intelectual”, relata Cláudia.

Adriana Mendes, coordenadora pedagógica da Escola Maurice Maeterlinck, já está no quarto e último módulo do curso de Libras ministrado pela professora Christiane Penha. Segundo ela, a formação do educador é indispensável para a completa inclusão do aluno especial. A escola possui apenas uma criança surda no 2º ano do Fundamental, mas, desde sua chegada à sala de aula, a professora Lívia Souza se motivou a também se inscrever no curso de língua de sinais. “No início é um pouco difícil. Afinal, trata-se de uma nova linguagem, um universo desconhecido, mas os resultados compensam o esforço. A partir dos jogos que desenvolvi para alfabetizar, conseguimos estabelecer uma comunicação, despertando o interesse dos outros alunos em aprender Libras”, conta Lívia.

A professora Christiane Penha comemora as experiências bem-sucedidas relatadas pelas educadoras que participam da capacitação que ministra. “O trabalho com a Educação Especial começa com o coração e é nisso que acreditamos. Com a capacitação o educador adapta o conteúdo de uma forma que o surdo compreenda através da língua dele, que é visual. Ele precisa desse material concreto para que possa fixar o conhecimento. É o que chamamos de memória visual”, finaliza.



Escola Municipal Maurice Maeterlinck
 Rua Betula, 50 – Guadalupe
 Rio de Janeiro/RJ
 CEP: 21660-100
 Tels.: (21) 3107-3171 / 3107-3637
 E-mail: emmaurice@rioeduca.net
 Professora responsável: Christiane Penha
 Fotos: Tony Carvalho



Para a culminância, as turmas prepararam uma apresentação especial com música e coreografia

Futebol, arte e cultura

Escola desenvolve projeto que coloca em evidência as particularidades de cada região brasileira

Marcela Figueiredo

No ano em que o Brasil esteve no centro das atenções no mundo inteiro, os educadores da Escola Municipal Viriato Corrêa desenvolveram trabalhos pedagógicos evidenciando a cultura nacional. Durante o primeiro semestre, quando a Copa do Mundo era o assunto principal nas conversas e brincadeiras, os educandos foram incentivados a desenvolver pesquisas relacionadas ao futebol e aos países participantes do campeonato mundial.

Passada a competição, o Brasil ganhou ainda mais destaque nos trabalhos escolares. O tema futebol saiu de campo e cedeu lugar aos costumes, tradições e ao jeito particular de ser do brasileiro. A ideia partiu da coordenadora pedagógica da escola, Jane Carvalho, que aproveitou o período em que o país estava em evidência no mundo para estimular os alunos a pesquisar e descobrir o que cada região brasileira tem de especial.

Para viabilizar o desenvolvimento do trabalho, utilizou-se a divisão geográfica do país e, a partir de um sorteio, decidiu-se qual turma pesquisaria cada região. Na apresentação, os alunos deveriam enfatizar as comidas típicas, as danças e os personagens de destaque. "É importante que a escola estimule os estudantes a conhecerem as diferenças que existem no Brasil. Com o empenho deles e dos profissionais

envolvidos nós conseguimos valorizar cada vez mais a nossa cultura", destaca Lucinha Mazzo, professora do quinto ano.

Além dos trabalhos individuais e em grupo, cada turma precisou apresentar suas pesquisas para os demais alunos, incluindo os de outras séries, o que aumentou ainda mais a interação entre os estudantes e os educadores da escola. Para a culminância, as turmas prepararam uma apresentação especial com música e coreografia. Os pais foram os convidados principais e aplaudiram a desenvoltura dos filhos durante a encenação.

Ao término das apresentações, a avaliação da comunidade escolar foi muito positiva, o que estimula ainda mais a organização do projeto. "É muito gratificante observar o crescimento, o empenho, a determinação e a execução das tarefas por toda a equipe da escola e saber que os alunos e responsáveis estão felizes com nosso trabalho", finaliza a coordenadora Jane Carvalho.

Escola Municipal Viriato Corrêa
Rua Guararema, 50 – Oswaldo Cruz
Rio de Janeiro/RJ
Tel.: (21) 3015-9826
E-mail: emviriato@rio.rj.gov.br
Coordenadora pedagógica: Jane Carvalho
Fotos: Marcelo Ávila



Autismo e inclusão – psicopedagogia e práticas educativas na escola e na família

Eugênio Cunha

Wak Editora – Tel.: (21) 3208-6095

Na prática docente, é possível perceber dificuldades para a elaboração de um currículo com atividades consideradas adequadas e funcionais para alunos com autismo, que favoreça a inclusão escolar e social. É possível educar? Esta obra pretende responder a essa e outras questões.

Comédias para ler na escola

Luis Fernando Verissimo – Apresentação e seleção de Ana Maria Machado

Editora Objetiva – Tel.: (21) 2199-7824

A dobradinha não podia ser melhor. De um lado, as histórias de um mestre do humor. Do outro, o olhar perspicaz de uma das mais reconhecidas escritoras do país, especialista em literatura para crianças e jovens. Ana Maria Machado releu durante meses textos do autor e preparou uma seleção de crônicas capaz de despertar nos estudantes o prazer e a paixão pela leitura.



Dicionário escolar afro-brasileiro

Nei Lopes

Grupo Editorial Summus – Tel.: (11) 3872-3322

A obra oferece ao leitor, em linguagem acessível, informações sobre o universo dos afrodescendentes no Brasil e apresenta também biografias de personalidades negras que têm se destacado em vários campos, como a política, as artes plásticas, a religião, a música, os esportes, o ensino e em muitas outras esferas da vida brasileira.



O gato

Bartolomeu Campos de Queirós – Ilustrações: Anelise Zimmermann

Editora Paulinas – Tel.: (21) 2232-5486

O autor aborda valores universais e atemporais, como o desamparo, a solidão e o acolhimento, fazendo uso de palavras precisas, sem excessos, como uma forma de combate aos tempos de tantas vaidades e de exacerbações em que vivemos.



Questões ambientais em tirinhas

Francisco Caruso e Cristina Silveira

Livraria da Física – Tel.: (11) 3459-4323

O livro trata de um precioso instrumento de trabalho para professores de ciências que desejam melhorar a qualidade das aulas e do aprendizado de seus alunos. Os quadrinhos concretizam a compreensão clara e acertada daqueles que os produziram, a respeito dos mais variados impactos humanos sobre a natureza, sobre nós mesmos e o que ainda há por vir.



32 ideias divertidas que auxiliam o aprendizado para o ensino fundamental

Vania Dohme

Editora Vozes – Tel.: (24) 2233-9029

Este livro apresenta atividades que podem ser aplicadas em sala de aula como reforço de aprendizagem. Seu objetivo principal, porém, é oferecer oportunidades para que as crianças façam isso de forma agradável, da “sua” maneira: investigando, trocando ideias, respondendo a desafios, construindo.





PoeMúsica



Projeto de Língua Portuguesa e Artes estimula a criatividade dos alunos

Jéssica Almeida

Com intuito de fazer com que os estudantes reconheçam as principais características dos textos poéticos aprimorando e desenvolvendo habilidades na leitura, interpretação e produção de textos, a professora de Artes Betânia Lemgruber, do Colégio Estadual Maurício de Abreu, em Sapucaia, idealizou o projeto *PoeMúsica*. Além disso, a docente pretendia promover a integração e a valorização da cultura, e o despertar de novos talentos entre os alunos.

A coordenadora pedagógica Monique Lobo, que participou intensamente das atividades, explica que a ideia surgiu em 2011. "Ao trabalhar o projeto de MPB sugerido pela Seeduc, o tema proposto foi a Bossa Nova, sendo direcionado ao Ensino Médio. A princípio os alunos ficaram um tanto quanto desconfiados, mas, ao estudarem e pesquisarem as canções, as letras, os artistas, eles desenvolveram a capacidade de valorizar o ritmo musical proposto", lembra Monique.

Segundo ela, no início a participação era mais restrita, mas com o tempo foram feitas adaptações a fim de envolver maior número de participantes tanto da comunidade escolar, quanto da família. "Partindo da premissa de que o ser humano é dotado de sentimentos, criatividade e emoções, e de que necessita apenas de oportunidades para expressá-los, acreditamos que a poesia, a música e

outras manifestações artísticas podem ser utilizadas para incentivar a expressão criadora de cada um. Sendo assim, reuniram-se para estruturar o evento os professores de Língua Portuguesa, Produção textual e Arte, como também os agentes de leitura, coordenação pedagógica e animação cultural", explica.



No dia do evento, os estudantes realizaram apresentações musicais, onde tocaram e cantaram



Acompanhados pelos agentes de leitura e animador cultural, os jovens fizeram a leitura dos textos produzidos por eles próprios

Por isso, em 2014, participam do projeto os estudantes do Ensino Fundamental II e do Médio, além do pessoal do Programa Autonomia e também ex-alunos. Os professores apresentaram produções literárias de um autor escolhido, estabelecendo diálogo sobre os textos adotados. "Tais discussões, associadas à análise literária, serviram de base norteadora para a produção de criações dos próprios alunos, de modo que cada um interagisse de forma ativa e participativa nas aulas, elaborando suas redações e discorrendo sobre elas", relata a coordenadora.

Após conclusão das produções textuais, os jovens se preparam para a declamação fazendo a leitura de seus textos, acompanhados pelos agentes de leitura e animador cultural. Monique ressalta que a escolha do repertório deveria estar vinculada ao tema proposto. "A partir daí, os alunos de todos os segmentos se mobilizaram marcando ensaios, produzindo arranjos, cantando, dançando, declamando, enfim, fazendo da escola um local de encontro da arte", completa.

No dia do evento, os estudantes apresentaram os textos produzidos e/ou da autoria do autor trabalhado. "Muita música e expressividade tanto declamando, quanto cantando. No dia seguinte, os alunos já estavam se programando para o próximo ano, avaliando o que foi bom e o que poderia ser

melhorado, sugerindo autores para que a equipe de professores pudesse planejar o futuro", explica Monique.

A aluna Poliana Gonçalves Dias, do 2º ano do Ensino Médio, conta que foi ótimo participar do projeto. "Aprendi a compartilhar conhecimento com colegas e professores, desde a criação das poesias até a desenvoltura na hora da apresentação. O que mais gostei foi do processo de desenvolvimento das poesias, onde os alunos puderam conhecer mais sobre a vida e obra do artista, como também buscar inspiração para criar seus textos. Aprendi também que todas as pessoas possuem capacidade para escrever, apesar de acharem que não. É só saber usar os recursos oferecidos que a inspiração vem", conta.

Monique explica que a realização deste projeto permite que os estudantes se sintam parte da escola, valorizando as potencialidades e despertando situações que incentivam a sociabilidade entre eles. "Muitos rompem com os limites da timidez e passam a orgulhar-se de si mesmos, de seus pensamentos e palavras. Com a autoestima elevada, avança-se também na busca de melhores resultados, isso é perceptível!", completa.

A coordenadora destaca ainda a importância de desenvolver atividades lúdicas na escola: "Acredito que, quando trabalhamos junto com nossos alunos, ultrapassamos o muro da escola oportunizando a eles a conquista de novos caminhos, através de uma atividade mais elaborada ou uma simples tarefa que possibilite o improviso e, consequentemente, favoreça a criação de novos conhecimentos. Através da ludicidade a aprendizagem deixa de ser o fim para tornar-se um processo prazeroso", conclui.



Participam do projeto os estudantes do Ensino Fundamental II e do Médio, além do pessoal do Programa Autonomia e também ex-alunos

Colégio Estadual Maurício de Abreu
Praça Doutor Miguel Couto Filho, 298
Centro - Sapucaia/RJ
CEP: 25880-000
Tel.: (24) 2271-1478
E-mail: secmabreu@yahoo.com
Fotos cedidas pela escola



Sônia de Araújo Pinto (de óculos na foto), uma das docentes premiadas, é associada da Appai e trabalha em uma escola em Realengo



Professoras associadas da Appai ganham prêmio da Prefeitura do Rio

Jéssica Almeida

A Prefeitura do Rio premiou as 11 melhores professoras alfabetizadoras das escolas da rede municipal de ensino, em uma cerimônia na sede da Secretaria de Educação, na Cidade Nova. A escolha das premiadas foi feita com base nos resultados do Alfabetiza Rio 2014, uma avaliação externa, aplicada anualmente desde 2010, que mede o nível de alfabetização dos alunos do 1º ano do Ensino Fundamental em Língua Portuguesa (Leitura e Escrita) e em Matemática.

Os resultados do Alfabetiza Rio 2014 mostram que a alfabetização nas escolas da prefeitura avançou. O percentual de alunos que aprenderam a ler e escrever ao fim do 1º ano subiu de 86,7% em 2013 para 90,7% no ano passado. Na disciplina de Matemática o crescimento foi mais expressivo: de 86% para 91,1%. Em escrita, o resultado apresentou uma pequena queda de 78,2% para 77,9%. A meta da prefeitura é garantir que 95% dos estudantes do 1º ano estejam alfabetizados ao final de 2016.

A secretária municipal de Educação, Helena Bomeny, ressalta que, em 2014, 1.549 turmas de alfabetização e 90,7% das crianças foram alfabetizadas. "Isso mostra que estamos caminhando e seguindo numa direção fantástica. E premiar essas professoras hoje mostra o *show* que estamos dando no município. Elas são

O que amo em minha profissão é o contato diário com diferentes crianças e a possibilidade que tenho de, através deste contato, mudar de forma positiva a vida deles.

profissionais maravilhosas, de muito sucesso, e representam tantas outras da rede, que têm o mesmo comprometimento, responsabilidade e que acreditam que todos podem aprender, sem distinção”, afirma a secretária.

Das 11 professoras premiadas, seis lecionam em escolas da Zona Oeste, quatro da Zona Norte e uma da Zona Sul. Do total dessas unidades, cinco já implantaram o turno único, com sete horas de aula por dia. Sônia de Araújo Pinto, uma das docentes premiadas, é associada da Appai e trabalha na Escola Municipal José Pancetti, em Realengo. Ela conta que seu desejo por ser professora começou na infância, pois ela sempre brincava de dar aulas. “O que amo em minha profissão é o contato diário com diferentes crianças e a possibilidade que tenho de, através deste contato, mudar de forma positiva a vida deles”, afirma.

A docente relata que ficou extremamente emocionada por ser homenageada. “Após 40 anos em sala de aula, não imaginava que seria reconhecida desta forma com tamanha magnitude. Fomos parabenizadas e incentivadas a seguir com este trabalho que vem dando frutos positivos. Faço o que amo e ainda hoje me emociono quando vejo um aluno escrever e ler uma carta pra mim. Por mais que me sinta às vezes cansada por conta da minha idade, sinto-me realizada

e feliz e não deixo de acreditar que a educação é o caminho para mudar a história da vida das crianças”, relata Sônia.

Já a professora Maria de Fátima Rangel, que também é associada da Appai e atua há 20 anos na E. M. Haydea Vianna Fiuzza de Castro, em Paciência, revela que o segredo está no amor pela profissão e em fazer o que gosta. “Não tenho uma fórmula para a coisa dar certo. Acho que o principal é o amor pelo meu trabalho. Nossa unidade é viva e dinâmica, e todas as salas de aula possuem canto de leitura e da Matemática. Dessa forma, desde a Educação Infantil as crianças já vêm preparadas e sendo estimuladas. Mesmo mudando de ano e de turma, elas sempre têm o cantinho das atividades, seja qual for a sala em que estiverem”, conta.

Simone Braga, do setor de Relações Institucionais da Appai, ressalta que é de extrema importância a valorização por parte da Prefeitura Municipal da Cidade do Rio de Janeiro, pois estimula as docentes envolvidas em transformar a Educação. “E hoje nosso reconhecimento especial vai para nossas associadas Sônia de Araújo Pinto e Maria de Fátima Rangel. Muito nos honra e orgulha tê-las em nosso quadro associativo. Mostraram que com dedicação e engajamento conseguiram fazer a diferença para os alunos da Alfabetização”, finaliza.

A Prefeitura do Rio premiou as 11 melhores professoras alfabetizadoras das escolas da rede



Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro
Rua Afonso Cavalcanti, 455 – Cidade Nova
– Rio de Janeiro / RJ
CEP: 20211-110
Site: www.rio.rj.gov.br
Fotos: Ricardo Cassiano – Prefeitura do Rio de Janeiro





Mascote da história estimula a leitura no Maternal



Sandra Martins

– Mamãe: hoje vou ler a história dos Pingos pra você. Senta aqui comigo e presta muita atenção, tá bom?

Este convite aceito de bom grado pode ter sido feito pelas crianças de 3 a 4 anos das turminhas do Maternal II A e B do Colégio Visão, no bairro Pedra Branca, na cidade de Palhoça, em Santa Catarina. Na realidade, elas participaram do projeto *Pingos na Mala Viajante*, coordenado pela pedagoga Tatiane Rosa, professora da Educação Infantil e do Ensino Fundamental I daquela escola, juntamente com as colegas Vanessa Alessandra Brandt Dal Más, Joice da Rosa e Andreia Steiner.

A proposta foi trabalhar a leitura na Educação Infantil de forma significativa, já que esta fase é a primeira etapa da educação básica com a finalidade de desenvolvimento integral da criança. Para as pedagogas busca-se, através da leitura, levar os pequenos a entender a importância do pensar, do agir, do expressar-se e do construir a sua história no contexto social no qual estão inseridos.

Tatiane Rosa afirma que, depois da mãe e responsáveis, a professora é a principal incentivadora da construção do hábito da leitura. Somos a representação da escola que tem papel central na promoção desse estímulo. "Desta forma, é importante proporcionar às crianças a interação significativa com o texto. O trabalho então deve ter como objeto a formação de leitores competentes que gostem de ler, que leiam para se informar, para estudar, para aprender, para resolver problemas, por prazer e por diversas outras finalidades", disse a mestrandia em Criatividade e Inovação na Educação.

A criança vive num mundo globalizado cheio de imagens, rótulos, letreiros e, mesmo não sendo alfabetizada, ela interpreta alguns códigos. Entretanto, ela deve ser preparada para compreender diferentes textos da

forma como se apresentam, como, por exemplo, a leitura de um desenho, de livros, de um filme, de um acontecimento, de uma receita, de uma história em quadrinhos, uma charge etc.

Esse preparo que ocorre na Educação Infantil tem que ser iniciado com um sentido, um significado. A leitura pode ser uma história contada pelos pais, pela professora ou pelos amigos. A criança ouve, imagina, sente e se emociona, cria um vínculo com o texto que ouviu e viu. "É a leitura de forma lúdica e prazerosa que se torna significativa para a criança e amplia seu vocabulário, que a insere no universo letrado e futuramente a faz desenvolver estratégias de compreensão e interpretação de diferentes tipos de textos que receber ou que vier a buscar. Desta forma trabalharemos o amadurecimento e a autonomia do leitor em formação", salientou Tatiane.

E para desenvolver um trabalho de leitura de forma significativa na Educação Infantil as professoras criaram o projeto *Pingos na Mala Viajante*. A mala era composta do livro "A história dos Pingos", avental de feltro com os personagens, uma mascote da história e um caderno de registro.

O pontapé foi dado com o estímulo à curiosidade: a mágica e surpreenden-



Para o projeto, as professoras criaram uma mala composta do livro "A história dos Pingos", com avental de feltro com os personagens, uma mascote da história e um caderno de registro



te “Mala Viajante”. Acessar uma mala repleta de fantasia é o que toda criança deseja – e muitos adultos também. Ou seja, os pequenos amaram e ficaram curiosos pela magia que poderia existir naquela mala. Paulatinamente, os alunos viram os conteúdos serem retirados e ao final eram brindados com uma bela contação da história dos pingos.

Posteriormente, as docentes exploraram a história oralmente, e cada uma das crianças falou o que sentiu e o que mais gostou. E, finalmente, nesta primeira aula, os alunos foram comunicados de que reveriam a mala na próxima aula. O que os deixou animados e ansiosos.

No encontro seguinte, de acordo com Vanessa Dal Más, mal começara a aula, algumas crianças perguntaram se as professoras haviam levado a mala viajante. Após a resposta positiva, esvaziaram o objeto mostrando todo o conteúdo: o livro, o caderno de registro e a mascote (o pingo). Nova rodada da história, desta vez com o livro, e cada uma das crianças se identificou com um pingo e escolheu o seu preferido. As professoras perguntaram o porquê de suas opções e alguns disseram ter sido devido à cor, enquanto outros afirmaram que o que chamou a atenção foi a sua personalidade (dorminhoco, amoroso, comilão, alegre etc.).

Na aula posterior, as professoras levaram novamente a mala e explicaram que cada um a conduziria para casa e que teria que cuidar dela, do livro e da mascote. Eles deveriam pedir para seus pais lerem e conversarem sobre a história, falariam sobre seu pingo preferido e ficariam com a mascote para brincar. No caderno de registro, havia toda a explicação do projeto, e uma página com o nome de cada criança para os pais fazerem o registro escrito e com fotos enquanto os pequenos colaborariam com desenhos. Como cada um queria ser o primeiro, as professoras explicaram a necessidade de fazerem um sorteio com os nomes de todos para terem uma ordem. Para surpresa das docentes, eles aceitaram muito bem as regras.



Cada pingo (personagem) foi produzido com um material diferente (papel crepom, glitter, guache, tecido etc.)



A coleção “Os Pingos” é de autoria do casal Mary e Eliardo França, que já desenvolveram muitas coleções para crianças, principalmente para as que estão em fase de alfabetização

A interpretação que os pequenos fizeram de "A história dos Pingos" foi transformada em livrinhos confeccionados por eles próprios

Joice da Rosa recorda com emoção que, a cada vez que a mala chegava, observavam a situação: "sempre em perfeito estado". Depois todos batiam palmas pelo capricho de quem levava. Em seguida, elas liam o registro da história, mostravam as fotos e cada criança relatava do seu jeito como havia sido a experiência de ter levado a mala. "Contavam com entusiasmo sobre como havia sido. Todos ouviam com atenção e esperavam o novo sorteio com ansiedade", salientou a professora.

Andreia Steiner destacou o cuidado das crianças com o material da mala, em especial a mascote, e de como a família participava demonstrando muito carinho e entusiasmo com as atividades. "As mães contaram que era comum que os pequenos dormissem com a mascote, pois não queriam se desgrudar dela. Levavam para passear, viajar, iam ao *shopping* e até escovavam os dentes com ela. Foi maravilhoso ver, ler e ouvir os registros das crianças e dos pais, e perceber que toda a família se envolvera e participara com carinho da atividade proposta pela escola.", disse.

A interpretação que os pequenos fizeram de "A história dos Pingos" foi transformada em livrinhos confeccionados por eles próprios. Cada pingó (personagem) foi produzido com um material diferente (papel crepom, *glitter*, guache, tecido etc.). Todos os dias as professoras falavam sobre um dos personagens da história, e as crianças enfeitavam os seus Pingos. Tudo foi posteriormente apresentado, junto com o caderno de registro, em uma bela exposição aberta à visitação dos responsáveis. Eles puderam, então, visualizar a importância da parceria entre a escola e a família. Em cada trabalho, em cada livrinho, a emoção se estampava nos rostos de pais, filhos e professoras. Os elogios foram um termômetro da satisfação e orgulho de terem participado das atividades.

Segundo Tatiane, o resultado foi superpositivo, todos os objetivos foram alcançados: estimular o gosto pela leitura, valorizar a participação de todos, envolver os pais, criar um momento de leitura entre família, desenvolver a oralidade, aguardar sua vez, trabalhar com as cores, respeito e cuidado com algo que é de todos, prazer e expectativa com a leitura de um livro, proporcionar aos alunos novas experiências, valorizar toda a vivência trazida de casa etc. "Para nós, o êxito deste projeto se deu graças a um conjunto de ações lúdicas que estimularam o gosto pela leitura. Pois é por



meio dela que desenvolvemos a sensibilidade e emoções diversas e afloramos a imaginação, bem como o prazer de ler. Incentivar à leitura, por meio da mascote – que faz parte da história –, cria um vínculo afetivo muito importante para o desenvolvimento da criança que vai ler e aprender brincando", concluiu Tatiane Rosa.

Colégio Visão
Avenida dos Maracanãs, 60 – Pedra Branca
– Palhoça/SC
CEP: 88137-200
Tel.: (48) 3342-0066
E-mail: tatiane116@hotmail.com
Coordenadora do projeto: Tatiane Rosa
Fotos cedidas pela escola

Memória da Cidade: Um Patrimônio imensurável



Trabalho revela os aspectos culturais e sociais da cidade de Duque de Caxias e faz com que alunos tenham orgulho de sua história

Tony Carvalho

Com o projeto, tivemos a oportunidade de falar sobre as raízes do nosso povo, das belezas de uma cidade que tem sua importância histórica

Utilizar as diferentes linguagens, através da expressão corporal, oral e escrita, explorando os conhecimentos adquiridos por meio da prática, compreendendo os fatores históricos, sociais, econômicos, políticos, culturais e espaciais, reconhecendo-se como sujeito na construção de alternativas para as questões de seu tempo, com vistas à transformação social. Tudo isso constitui fundamentos que consolidam uma escola em movimento, capaz de se abrir para o novo sem perder a experiência acumulada do passado e os valores educacionais mais perenes. E é exatamente o que a equipe de educadores da Escola Municipal Professora Zilla Junger da Silva, em Duque de Caxias, vem fazendo ao decidir desenvolver um projeto sobre a história da cidade e suas manifestações culturais. Após inscrever-se no Programa *Mais Cultura*, patrocinado pelo Ministério da Educação e Cultura, a escola passou a concorrer com outras 5 mil instituições de ensino de todo o Brasil. E, para a alegria de todos, o projeto foi um dos selecionados. Desde então, alunos e professores mergulharam de cabeça nos aspectos socioculturais que ajudaram a construir a identidade do povo caxiense.



O projeto foi resultado de um planejamento interdisciplinar e enfocou os diferentes costumes e tradições que ajudaram a construir a identidade local

O professor de Artes Marcus Vinicius Prata destaca a possibilidade que se abriu com o trabalho. “Muita gente nasceu aqui e não conhece a própria história. Com o projeto, tivemos a oportunidade de falar sobre as raízes do nosso povo, das belezas de uma cidade que tem sua importância histórica”, declara. Após seis meses de pesquisas, reuniões, ensaios e confecções de fantasias e adereços, os alunos fizeram uma apresentação no teatro do Colégio Pedro II. O evento foi resultado de um planejamento interdisciplinar e contou com o envolvimento de estudantes do Ensino Fundamental e do EJA, enfocando os diferentes costumes e tradições que ajudaram a construir a identidade local, como as danças indígenas e africanas, a folia de Reis, o cangaço, a quadrilha na roça e o carnaval. Mas o trabalho ainda não está concluído. Todos ainda estão envolvidos na produção de um megaspetáculo previsto para maio deste ano.

Para o professor de História Rodinei Knopp, o projeto caiu como uma luva. Ele integra uma associação de docentes do município que estuda há algum tempo aspectos culturais de Duque de Caxias e da Baixada Fluminense. “Valorizar a história local é o sonho da maioria dos professores mas, às vezes, esbarra-se na programação do conteúdo curricular global. Quando surge um projeto como esse ficamos radiantes. Além dos dados obtidos nas pesquisas, os alunos trouxeram informações avulsas dos pais, avós e até de vizinhos mais velhos. Durante as reuniões, procuramos orientá-los para que consigam fazer a conexão desses dados. Eles descobriram, por exemplo, a história do bairro Centenário, onde se localiza a escola em que estudam e se surpreenderam ao constatar que esse pedaço da cidade já sediou fábricas de tecidos, de açúcar e de vidro, empregando milhares de pessoas e contribuindo para a sua urbanização. Através



O evento contou com danças indígenas e africanas, a folia de Reis, o cangaço, a quadrilha na roça e o carnaval



desse levantamento histórico, os estudantes montaram suas apresentações”, enfatiza.

A orientadora pedagógica Maria Elizabete Lima relembra as reuniões semanais e os ensaios entre os turnos, definindo as coreografias e as danças: “Toda a escola se mobilizou num processo bem criativo. Sem dúvida, nós ousamos, ao fazer a cultura da cidade chegar aos alunos e suas famílias”. A professora da sala de leitura Ocilene Gomes também trabalhou no projeto. Para ela, o mais gratificante foi estimular os estudantes a perceber que a cultura está inserida no dia a dia e, muitas vezes, isso é algo que passa despercebido. “O nosso município é muito rico, com uma miscigenação bem aflorada. Esse trabalho foi instigador e possibilitou que

explorássemos várias nuances. Depois foi colocar no papel e decidir o que iria para o palco”. A diretora-geral da escola, Helena Silva Viana, ressalta o passeio ao centro de memória da cidade, que deu aos estudantes uma ampla visão do que a região representa. “O projeto valorizou a pluralidade do nosso patrimônio cultural e mobilizou toda a comunidade escolar. Os frutos desse esforço compartilhado por todos não se interrompem com a culminância do projeto e podem ser vistos no semblante de cada aluno”, conclui.

Escola Municipal Professora Zilla Junger da Silva
Rua Winston Churchill, 434 – Centenário
Duque de Caxias/RJ
CEP: 25025-230
Tels.: (21) 2673-5100 / (21) 2775-8366
E-mail: achoque@hotmail.com
Diretora: Helena Silva Viana
Fotos: Tony Carvalho



África: o berço da matemática

Escola realiza projeto para corpo docente unindo ciência do raciocínio lógico à lei 10.639/03, que visa o ensino da história e da cultura afro-brasileira e africana nas escolas

O aprendizado da Matemática é visto pela maioria das pessoas como algo de grande dificuldade. O desafio é descaracterizar este aparente obstáculo e avançar para uma aprendizagem significativa. Visando atender este problema e ensinando a disciplina de uma maneira bastante prazerosa é que a Escola Municipal Ondina Couto tem buscado, através do contexto da diversidade, trabalhar não somente conceitos, mas o aperfeiçoamento de projetos desenvolvidos ao longo do biênio 2014/2015. O projeto traz sua metodologia voltada para a Lei nº 10.639/03, que propõe novas diretrizes curriculares para o estudo da história e cultura afro-brasileira e africana. Por exemplo, os professores devem ressaltar em sala de aula essas referências culturais como constituintes e formadoras da sociedade brasileira, na qual os afrodescendentes devem ser considerados sujeitos históricos, de forma a valorizar-se, portanto, o pensamento e as ideias de importantes intelectuais brasileiros que militam nessa causa, bem como a cultura (música, culinária, dança etc.) e as religiões de matrizes africanas.

Partindo do tema "África: o berço da matemática", foi proposto aos professores que pensassem em maneiras lúdicas de ensinar sobre conceitos que permeiam as atividades lógico-matemáticas, aliando-os ao ensino da história da África. Para uma total fusão entre esses dois campos, foi apresentada a introdução da lenda etíope chamada "A verdade, a mentira, o fogo e a água". Sob este contexto, foi possível visualizar a Matemática na história africana, pois ela aborda diversas expressões conceituais da disciplina, como a divisão, a multiplicação, a lateralidade, entre outras.

Para a coordenadora pedagógica Patricia da Silva Lourenço, "é muito importante que, ao propor trabalhos, o professor alie outras questões que apoiem a construção de novos sentidos. Outro fator bastante importante para que os alunos possam desenvolver habilidades matemáticas de forma lúdica é atuar buscando a interação entre os pares. Atividades como um bingo utilizando folhas de papel sulfite com dobras específicas, por exemplo, mostram brincando como abordar retas, semirretas, ângulos, enfim, formas geométricas", esclarece Patricia.

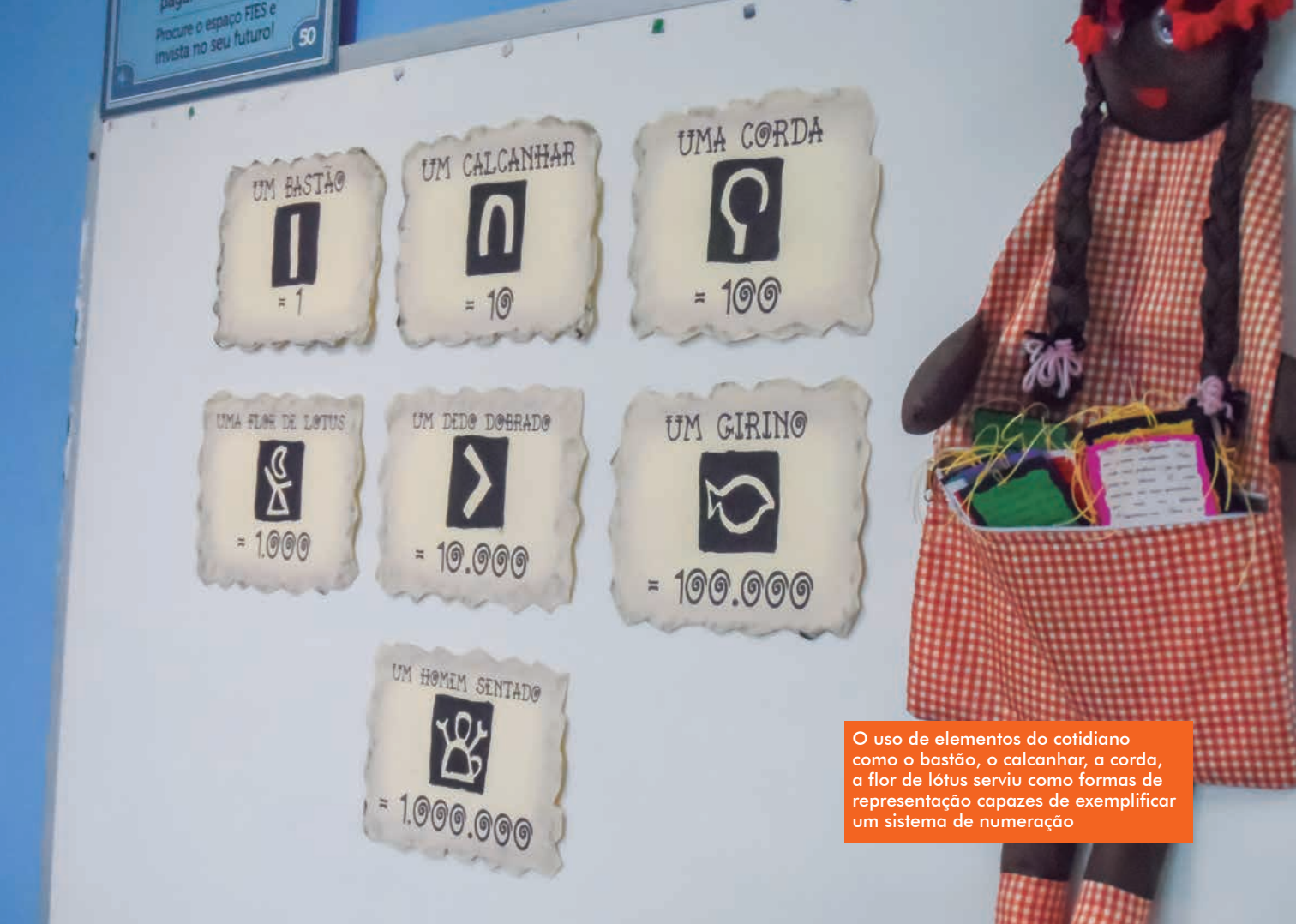
Com professores da instituição de ensino e auxílio do artista plástico e secretário escolar Luís Dias, foi montada

uma pirâmide em três dimensões, usando a arte do *origami*, a partir de um grande protótipo, tendo como referencial o aspecto histórico-cultural. Foram buscadas ainda variações de construção do monumento como um sólido geométrico e assim trabalharam a geometria, através de diferentes faces, vértices, arestas, ângulos, áreas e perímetros. A ampla variação foi capaz de possibilitar desdobramentos para futuras aulas no ensino da Matemática.

É importante também salientar que este enfoque dado inicialmente apenas fazia parte de um processo que visava ensinar a maneira como a civilização egípcia se utilizava dos símbolos para quantificar, empregando para isso



Foi proposto aos professores que pensassem em maneiras lúdicas de ensinar sobre conceitos lógico-matemáticos, aliando-os ao ensino da história da África



O uso de elementos do cotidiano como o bastão, o calcanhar, a corda, a flor de lótus serviu como formas de representação capazes de exemplificar um sistema de numeração

elementos que possuíam significativa expressividade para o seu povo (tais como a pirâmide), possibilitando um novo conhecimento aos alunos sobre a maneira como esta cultura oriunda da África separava, juntava, agrupava e buscava formas de representação das quantidades, chegando a criar assim o seu próprio sistema de numeração.

O uso de elementos do cotidiano como o bastão, o calcanhar, a corda, a flor de lótus, o girino, o dedo dobrado, o peixe e o homem serviu como formas de representação capazes de exemplificar um sistema de numeração e poder estabelecer uma relação lógico-matemática com o que adotamos atualmente. Nesse sistema é empregada a base dez, ou seja, ao quantificarem nove símbolos iguais, se utilizam da troca pela grandeza superior. Porém, para os egípcios esses elementos poderiam ser utilizados de forma aleatória e significar a mesma quantidade. Com o estudo do sistema de numeração adotado no país dos faraós, os professores foram desafiados a realizar diferentes combinações e verificou-se que as possibilidades são inúmeras, podendo haver o diálogo entre os pares (alunos e professores) acerca das comparações entre os dois sistemas.

A dinâmica que finalizou o projeto trouxe um teste de raciocínio aos participantes. Após apresentar o mapa do continente africano, foi preciso deixá-lo colorido, porém

cada aluno/professor receberia apenas um lápis de cor. A pergunta veio à tona: "Como faremos?". A resposta também apareceu logo em seguida: "Nós trocamos!". De acordo com a coordenadora pedagógica, "é assim na troca, na construção dos saberes, nas interações, com elementos presentes em nosso cotidiano escolar e pedagógico, que somos desafiados a (re)elaborar nossas práticas, mostrando a nossa criatividade, o nosso talento e provando que os nossos alunos podem e merecem ter aulas onde haja a dinâmica que o aprendizado da Matemática propõe. Ao combinar o ensino da disciplina com a aplicabilidade da Lei 10.639/03 foi possível exemplificar que a história da África é ampla, diversa e que não deve limitar-se a um ou outro aspecto", ratifica Patrícia.

Colaboração: Richard Günter

Escola Municipal Ondina Couto
 Av. Brasil, 1.315 – Coreia – Mesquita/RJ
 CEP: 26251-030
 Tel.: (21) 3763-9792
 E-mail: emocouto@mesquita.rj.gov.br
 Coordenadora pedagógica: Patrícia da Silva
 Lourenço
 Fotos cedidas pela escola



No projeto, intitulado *Álvaro Alberto de portas abertas para o mundo e de olhos abertos para o Brasil*, cada turma ficou responsável por um ritmo musical

Um pedacinho do Brasil

Jéssica Almeida

Com intuito de conhecer e estudar os movimentos sociais e as mudanças no cotidiano da população, a equipe docente da Creche Escola Municipal Doutor Álvaro Alberto, em Duque de Caxias, criou um projeto intitulado *Álvaro Alberto de portas abertas para o mundo e de olhos abertos para o Brasil*.

De acordo com a orientadora pedagógica Felicidade Magalhães, cada turma ficou responsável por um ritmo musical. A educação especial, por exemplo, com o frevo; já o 3º ano com "festa de rodeio"; o 4º, com o sertanejo; o 5º ano com o "passinho" (*funk*); e o xaxado para o 1º e 2º anos. "O destaque ficou por conta do brilho nos olhos das pessoas, o sentimento de pertencimento àquele espaço, àquela ocasião", relata.

Felicidade explica que para culminar o conteúdo aprendido foi realizada uma festa da cultura. "Os ensaios, divisão de tarefas, figurinos, cenários, barracas, comidas típicas, materiais para as brincadeiras foram acontecendo de forma natural. Uma dessas felizes escolhas da programação, pois foi uma atividade ampla em todos os sentidos, além da valorização de outras práticas culturais", afirma.

Segundo ela, há uma busca constante no desenvolvimento dos projetos numa tentativa de contextualizá-los,

articulando os objetivos curriculares, interesses e necessidades aos anseios coletivos. "Vale ressaltar que foi uma oportunidade única para todos fazerem um passeio cultural através das danças. É digna de nota a participação das famílias dos alunos com necessidades especiais, que se apresentaram junto com eles", elogia.

Além disso, Felicidade destaca o envolvimento dos professores e estudantes: "reforçou a ideia de que, com o empenho e engajamento de todos, os resultados positivos ultrapassam, muitas vezes, o esperado. Em conversas com os alunos, reuniões com o grupo de profissionais e encontros com os responsáveis foi possível perceber o quanto é importante este tipo de evento para o crescimento e desenvolvimento de todos que integram uma comunidade escolar", conclui.

Creche Escola Municipal Doutor Álvaro Alberto
Rua Deputado Romeiro Junior, 273
Centro - Duque de Caxias/RJ
CEP: 25020-100
Tels.: (21) 2771-9095 / 2650-1143
E-mail: emdalvaroalberto@gmail.com
Fotos cedidas pela escola

Preservando a história através do tempo

Tony Carvalho

Conhecer a história do bairro onde se vive é uma forma de valorizar a identidade local e praticar a cidadania. Mas lembrar dos fatos ocorridos não é somente reviver mas, sobretudo, refazer, reconstruir e repensar as experiências vivenciadas no passado sem perder a consciência do presente. Moradora de Realengo há 30 anos, a professora Martha Nogueira vem trabalhando para preservar a memória do bairro e, para tanto, idealizou o Centro de Memória de Realengo e Padre Miguel. “A criação desse espaço veio da necessidade de sala de aula, pois toda vez que precisávamos realizar um trabalho sobre a história do bairro não tínhamos um lugar como referência. Em 2000, comecei a juntar material e a conversar com os moradores. No ano seguinte, veio a inauguração oficial do Centro de Memória, um espaço dentro da Escola Municipal Coronel Corsino do Amarante, onde trabalho, que abraçou a ideia”, conta.

A professora Martha costuma dizer que, em Realengo, as pessoas não tropeçam nas pedras mas na história, tal a quantidade de dados que pode ser coletada em cada esquina. “Ainda temos muitas surpresas adormecidas nos lares dos moradores. Precisamos resgatar muita coisa que ainda não sabemos. Eu acredito que, para a gente cuidar de um lugar, primeiro precisa conhecê-lo. Nesses 15 anos, já fizemos muitas parcerias e contamos com o apoio de pessoas que já não estão entre nós, como o professor Carlos Venceslau e o jornalista Aloisio Fialho. Outras pessoas





Durante o sarau, foi entregue o Troféu Circuito Itinerante de Poesia a um poeta contemporâneo, morador do bairro

ainda colaboram, como comerciantes locais e o educador Fernando Gralha, meu professor na pós-graduação, e que, desde a apresentação da minha monografia sobre o Centro de Memória, vem me ajudando muito". Anualmente, a instituição desenvolve subprojetos em que são produzidos vídeos, organizadas gincanas com artistas plásticos e já se aventurou até na criação de um selo comemorativo, numa parceria com os Correios.

Em novembro último, quando o bairro completou aniversário, foi realizado o "Sarau de Poesia – Realengo – 199 anos 'Aquele abraço'", reunindo diversas atividades ligadas ao fazer literário, com apresentação de grupos de poesia teatralizada, *performances* e recitais individuais, poesia-dança e videopoesia, transformando o encontro numa festa coletiva. A professora Martha afirma ainda que, "muito

além de ser mero palco poético, a iniciativa contribuiu para a ampliação e sedimentação da relação existente entre cidade, bairro e comunidade, tendo a poesia como fio condutor, fortalecendo a autoestima e a criatividade plural existente nos cariocas". O sarau aconteceu no auditório do Colégio Pedro II, unidade Realengo, e fez parte do projeto *Circuito Itinerante de Poesia nos Bairros Cariocas*, que tem como curadora a atriz e produtora cultural Beth Araújo, que destaca que o circuito foi criado para proporcionar aos poetas amadores, moradores dos bairros da cidade, uma oportunidade de se mostrar artisticamente. "Trazer, quem sabe, pela primeira vez a público seus versos, seu cantar ou mesmo sua *performance* em forma de poesia. Além disso, em cada encontro do circuito faremos uma homenagem a um grande nome do gênero. Nesse encontro, reverenciamos



A Companhia Livre Acesso, que transforma a poesia de suas vidas em movimentos de dança no espaço cênico, também prestigiou o evento



PERCURSO

autora: Martha Nogueira

Na Escola Municipal Coronel Corsino do Amarante o trabalho terminou, então saio na IMPERADOR.

Subo a íngreme passarela JORGE SARGENTO

Descanso para recuperar o fôlego e aproveitar o momento para olhar REALENGO.

Do lado da AVENIDA SANTA CRUZ Vejo a SERRA DO BARATA, sendo redenhada por moradias, o que chama a minha atenção e entristece o meu coração.

Do lado da ÁGUA BRANCA, o hospital ALBERT SCHWEITZER se destaca entre as casas do IAPI e as da INVASÃO.

Desço a passarela, a TRAVESSA DA IMPERATRIZ está sempre movimentada com crianças brincando, adultos conversando e a segurança por um triz...

Sigo em frente e entro na BARÃO DE TRIUNFO e logo vejo a imponente BELISÁRIO

sempre musical, as melodias saem do BAR DA TUTI, basta uma ficha na máquina para o ZECA cantar, "...que importa se há tanta lama nas ruas, se o céu é deserto e sem brilho de luar, se o clarão da luz do teu olhar vem me guiar, clareia os meus passos por onde quer que eu vá ..."

Na calçada, mais crianças correndo descalças, sem camisa, livres sem se darem conta dos pesares, sorriem.

A rua brilha, pois as gambiarras parecem estrelas iluminando o céu da VINTÉM e toda sua gente tão bonita também.

A BARÃO DE TRIUNFO ainda não acabou vão ficando para trás a MALOCA, A MESQUITA E A FALCÃO.

Já são seis horas O sino da igreja SÃO JOSÉ OPE-RÁRIO

toca a Ave-Maria, faço o sinal da cruz e agradeço a DEUS Por mais um dia e de ter me conduzido até meu lar Aqui, na TRAVESSA MARECHAL BARBEDO, PERTINHO DO CRIR.

Solano Trindade, morador de Realengo durante longo tempo e criador da poesia assumidamente negra no Brasil. Foi venerado publicamente por figuras como Carlos Drummond de Andrade e Darcy Ribeiro e, dentre tantos outros imortais da cultura brasileira, merece ser lembrado no universo poético atual", afirma.

Durante o sarau, foi entregue o Troféu Circuito Itinerante de Poesia a um poeta contemporâneo, morador do bairro. O prêmio foi dado a Darlan de Andrade, escritor que, segundo o jornalista Clóvis Corrêa, começa a se expandir para muito além de onde nasceu, a favela Vila Vintém, vizinha a Realengo. Nas palavras do acadêmico Antônio Olinto, a poesia de Darlan é "árdega, inquieta, impetuosa", com destaque de ser o único poeta brasileiro a lançar um livro na Organização das Nações Unidas. Entre as muitas apresentações do sarau, chamou a atenção a Companhia Livre Acesso, grupo que realiza números de dança contemporânea através da partilha de experiência entre pessoas cegas ou de baixa visão ao lado de atores e dançarinos com visão, que transformam a poesia de suas vidas em movimentos corporais no espaço cênico. O poeta e artista plástico Leandro Ervilha apresentou seu livro "Caos Urbano", recém-lançado, enquanto Claudio Cuica misturou em sua performance sons e gestos numa mescla entre a cultura popular e a *underground*.

A professora Martha também faz poesias, principalmente quando o assunto é Realengo. Em 2012, ela inscreveu um texto na Olimpíada de Língua Portuguesa para incentivar os alunos a escrever sobre o local em que vivem (leia no quadro). Ao final do sarau, Martha comemorou mais um trabalho bem-sucedido na sua caminhada pela preservação da memória de Realengo. Agora, ela já se prepara para as comemorações dos 200 anos do bairro, em novembro.

Escola Municipal Coronel Corsino do Amarante
Rua do Imperador, 62 – Realengo
Rio de Janeiro/RJ
CEP: 21715-071
Tel.: (21) 2401-5707
E-mail: emamarante@rioeduca.net
Espaço Centro de Memória de Realengo e
Padre Miguel
Professora Martha Nogueira (marthano-
gueira@yahoo.com.br)

Água: Saúde e Vida

Iniciativa promove ação de conscientização sobre a importância da água

Jéssica Almeida

Um trabalho de reflexão e ação quanto à importância do consumo consciente da água levou os alunos do Ciep Brizolão José Maria Nanci, em Itaboraí, a identificarem o problema, refletir sobre ele e buscar soluções, de maneira integrada com toda a comunidade escolar, compartilhando a responsabilidade pelo destino do município, país e de todo o planeta.

Idealizado pela equipe pedagógica do Ciep, a ideia surgiu no início do ano letivo para trabalhar o tema transversal Meio Ambiente, proporcionando ao aluno uma visão crítica e reflexiva sobre a atual questão da água, com suas causas e consequências. A professora Marcina Freitas explica que o objetivo era integrar a comunidade escolar em uma ação de conscientização quanto à importância da água para a saúde e a vida de toda a população. "Incentivando a economia e preservação do recurso, sua utilização ecologicamente correta, formando multiplicadores conscientes para diminuir a interferência humana negativa do uso hídrico desordenado, tornando a sustentabilidade uma realidade em nosso meio", completa.

O público-alvo do projeto *Água: saúde e vida* foram os alunos do PCF (Programa de Correção de Fluxo), uma iniciativa que atende alunos de 13 a 17 anos da 6ª série do Ensino Fundamental com a finalidade de corrigir a defasagem idade/série. O programa é dividido em 4 módulos semestrais, totalizando 2 anos. Marcina, professora do PCF, explica que o objetivo é resgatar esses alunos, fazendo com que levantem a autoestima e compreendam a importância do trabalho em equipe, o companheirismo, a cidadania etc.

Para colocar em prática as ações do projeto, os alunos desenvolveram as atividades dentro e fora da sala de aula.

Nesta, confeccionaram cartazes, maquetes, linha do tempo sobre as guerras causadas pela água, produziram *raps* e textos coletivos, panfletos informativos, analisaram contas d'água, entre outras atividades. No laboratório de informática e na biblioteca da escola, realizaram pesquisas sobre as guerras causadas pela água, sobre a importância desse recurso, raciocínio, preservação etc. E, na sala de vídeo, criaram muitas obras relacionadas ao tema, incluindo composições musicais.

A culminância do projeto contou com exposição dos trabalhos nos corredores da escola. Além disso, os estudantes do 7º ano do Ensino Fundamental distribuíram panfletos informativos sobre o assunto. O aluno Cleysson Lorrán Guimarães da Motta conta que é extremamente importante participar de projetos como esse. "É mais fácil compreendermos o conteúdo. As professoras Eliane Portella, Marcina Freitas e Nilza Costa nos incentivam muito dando total apoio, ajuda e atenção. Com esse trabalho, me conscientizei de que a água é uma fonte riquíssima do nosso planeta, sem a qual não haveria vida e por isso devemos economizá-la, evitando o desperdício, pois de outro modo corremos o risco de ficar sem ela", finaliza o aluno.

Ciep Brizolão 129 José Maria Nanci
Av. Flávio Vasconcelos, s/nº - Venda das
Pedras - Itaboraí/RJ
CEP: 24800-000
Tel.: (21) 3637-3039
E-mail: ciep129@ig.com.br
Diretora-geral: Soraya Fonseca
Fotos cedidas pela escola



Uso do celular em sala de aula – Parte 2

Jéssica Almeida

Devido à repercussão da matéria anterior sobre esse tema (confira na edição 91 da Revista Appai Educar), voltamos para discutir o assunto e esclarecer algumas dúvidas dos professores que entraram em contato conosco através do e-mail (redacao@appai.org.br) e da *fanpage* da Appai no Facebook (www.facebook.com/appairj). Para isso, conversamos com a especialista em Pedagogia de Projetos e Educação Infantil, autora e tutora de cursos presenciais e *on-line* de educação continuada para professores, Patrícia Fonte, e com a Professora de Inglês e Mediadora Educacional de Tecnologia da Seeduc, Sheila Pires. Confira:

Revista Appai Educar: A professora aposentada Sheila Padilha, que entrou em contato conosco através de e-mail, acredita que “não há necessidade de se trabalhar com celular, já que até nas escolas públicas já existe um *notebook* para cada aluno”. Como você avalia isso?

Patrícia Fonte: A relação que as crianças e jovens têm com o celular é diferente da relação estabelecida com o *notebook*. Além disso, a proposta de trabalhar com o aparelho não pode ser encarada apenas para dinamizar as aulas e utilizar a tecnologia ao nosso favor, mas, também, como uma

maneira de conscientizar o grupo para a utilização correta do meio de comunicação, o qual pode ser útil ou nocivo. Atualmente, até adultos perdem a noção da boa educação e das normas de conduta e convivência e utilizam inadequadamente seus celulares. São comuns os famosos *selfies* em momentos e situações inapropriados; pessoas participam de palestras sem ao menos olhar para o palestrante, teclando e olhando fixamente no celular; em um jantar de família ninguém conversa, só os celulares são companhia. Tudo isto requer um olhar mais abrangente, envolvendo novas formas de ensinar e de aprender condizentes com o paradigma da sociedade do conhecimento, que se caracteriza pelos princípios da diversidade, da integração e da complexidade. Esta amplitude de possibilidades – quando pautada em princípios que privilegiam a construção do conhecimento – requer dos profissionais novas competências e atitudes para desenvolver projetos educacionais que criem e recriem estratégias e situações de aprendizagem que possam tornar-se significativas para o aluno, sem perder de vista o foco da intencionalidade da educação.

Revista Appai Educar: Sheila Padilha afirma ainda que “é impossível controlar o uso do aparelho, mesmo no decorrer de atividade educativa e até lúdica em uma turma com 40

ou mais alunos". Na sua opinião, é possível controlar? De que forma?

Patrícia Fonte: Realmente sem um projeto muito bem estruturado e se o professor tentar utilizar o aparelho da forma tradicional em uma classe que nunca trabalhou com possibilidades mais ousadas e criativas será impossível controlar. Primeiro é necessário planejar muito bem o projeto (de acordo com as necessidades do grupo em questão), estabelecer e combinar as regras. Se necessário, inserir outras atividades práticas que fujam do convencional antes de começar a usar o aparelho. Vivemos um momento em que o compromisso com as questões educacionais tem sido ampliado, através das várias formas de organização, incluindo aquelas que fazem uso da tecnologia para superar os limites de espaço e tempo, de modo a propiciar que pessoas de diferentes idades, classes sociais e regiões tenham acesso à informação e possam vivenciar plenamente as diversas representações do conhecimento. O profissional passa a lidar com o inusitado, e por isso precisa estar preparado para a utilização da criatividade, da reflexão e da crítica, rompendo com a aplicação de soluções prontas ou práticas padronizadas. Neste aspecto, as ações do professor devem considerar o individual e o coletivo, parte e todo, teoria e prática, ensino e aprendizagem, além da diversidade e das questões particulares que provavelmente surgirão em meio ao processo de adaptação com os sistemas tecnológicos, já que muitas vezes se tem em sala de aula alunos que não estão inteirados com as novas tecnologias.

Sheila Pires: É um trabalho árduo. O professor tem de mostrar aos alunos que, nas aulas, o uso do celular deve ser definido por ele. É preciso conscientizar os estudantes de que aquele momento não é para jogar ou ver o que os amigos estão postando nas redes sociais, por exemplo: não deve ser uma navegação livre, deve ser guiada pelo professor. O educador

deve criar um passo a passo, uma lista de deveres e obrigações ou um código de conduta para o uso do celular, por exemplo, e pode negociar com os alunos. Se todos cooperarem, é possível até criar um momento de livre utilização da tecnologia em sala. Mas nada deve ser 100% liberado. O professor pode pedir algumas pesquisas relacionadas ao tópico estudado, ou que o estudante "descubra" alguma forma de usar a tecnologia abordando o conteúdo da aula. Aquele que trouxer sugestões pode ser premiado de alguma forma, cabe ao professor decidir.

Revista Appai Educar: A aposentada ressalta que "muitos alunos utilizam os aparelhos para conexões impróprias e as disseminam entre os colegas, o que ocasiona dispersão de ideias, conversas paralelas e, conseqüentemente, indisciplina, sem qualquer ganho educativo". O que pode ser feito nesses casos?

Patrícia Fonte: Esta é uma das questões que precisam ser trabalhadas conforme enfatizei na primeira resposta. O celular pode ser útil ou nocivo de acordo com o uso que fazemos dele. Vivemos na sociedade da informação e somos bombardeados com notícias de todos os tipos: Como filtrá-las? Quais são as informações relevantes? Quais são inúteis? O que fazer com tantos dados? A escola hoje não é mais o espaço de informar, mas de levar o indivíduo a questionar, refletir, criticar. O papel da escola é auxiliar crianças e jovens a lidar de forma positiva com o mundo tecnológico e multimídia, usufruindo das possibilidades que ele oferece. Por tudo isso, a proposta do celular na sala de aula é abrangente e aconselho uma proximidade com os alunos para que possam ser discutidas tais questões de maneira clara e para que eles se sintam à vontade para expor suas opiniões, dúvidas, incertezas, sonhos, preferências, expectativas etc.

Revista Appai Educar: A professora afirma que já tentou inserir o uso de tecnologias em sala de aula, mas não obteve



bons resultados: "Levei alunos para iniciação em cursos de informática com objetivo de encontrar atividades lúdicas para tornar mais interessantes as aulas de português, mas confesso que o resultado não foi produtivo. Enquanto eu lidava com uma dupla, outros arranjavam meios de mudar a tela de fundo dos outros computadores, colocando figuras de filme de terror. Por exemplo: mal eu me encaminhava para outro lado, alunos entravam até em *site* pornográfico". Como reverter essa situação? É possível evitar que isso aconteça? Se sim, de que forma?

Patrícia Fonte: Depende da maneira com que planejou as atividades e encaminhou seu desenvolvimento. Tudo que é novo gera certa ansiedade e pode em um primeiro momento não corresponder às expectativas. Por isso, sugiro que as normas sejam acordadas com o grupo antes de lançar cada atividade dinâmica. Conforme as regras ficam claras e objetivas, as atividades mais recorrentes, a turma entra no ritmo e compreende a proposta. Em contrapartida, não podemos desanimar porque uma vez não aconteceu da maneira que esperávamos. É preciso repensar a prática e refletir sobre ela. É mais fácil lecionar da forma tradicional, mas esta não atende a demanda da geração atual e isto se reflete no alto índice de evasão escolar, indisciplina, desmotivação e desrespeito. Em suma, se reverte a situação traçando um bom plano de ação (que atenda os interesses e necessidades do grupo) e sempre conversando e listando junto com os alunos as regras para cada atividade. Não impondo, mas acordando com eles para que se conscientizem das propostas e de suas responsabilidades, atitudes e ações para que estas aconteçam regularmente.

Língua Portuguesa

Propomos escrever textos da maneira formal e, num segundo momento, mensagens instantâneas. Nesta atividade, o professor deve enfatizar a norma culta de linguagem, conversar sobre os diferentes tipos de textos, sua objetividade, coerência e como escrever de forma clara e concisa. Para que todos participem da atividade, pode ser realizado um sorteio: cada um terá de escrever para o colega sorteado, sem se identificar. Ao receber a mensagem, o aluno a lê e cabe à classe adivinhar quem escreveu. Os bilhetes escritos em papel ou em forma de mensagem de texto, no celular, podem ser transcritos na lousa, pelo professor que, junto com os alunos, analisará se é compreensível, se está coerente e se está escrito corretamente. Alerto que cabe ao docente orientar seus alunos para não escrever termos pejorativos, mantendo em seus bilhetes e mensagens o respeito para com o colega. O professor pode participar da dinâmica, enviando mensagens surpresas à turma.

Revista Appai Educar: A diretora-geral da E. E. Joaquim Atayde, em Campos dos Goytacazes, Edna da Silva Pinto Azeredo, relata que a maior dificuldade que os professores encontram na hora de elaborar um trabalho é em relação a uma atividade lúdica e motivadora, já que muitas vezes alguns alunos se mostram desmotivados para estudar. "Facilitaria se já tivesse uma ideia de como trabalhar esse tema

com exemplos vivenciados por outras unidades que deram certo", afirma. Você poderia relatar casos que envolvam práticas pedagógicas sobre o assunto abordado?

Sheila Pires: Uma situação bem simples é pedir contribuições aos alunos, um vídeo, imagem ou *site* com exercícios que abordem o tema da aula. Os estudantes buscam em seus próprios celulares, com acesso à internet 3G das operadoras deles. Em aulas de Inglês, ao trabalhar com narrativas, peço aos alunos para escolherem uma foto do arquivo pessoal deles no celular, mostrar para o



Outra atividade interessante é o ditado digital, no qual os estudantes escreverão no celular, para trabalhar ortografia. Depois deve ser feita a correção na lousa e a cópia em folha previamente preparada.

Matemática

1 – Os aparelhos possuem calculadoras e na Matemática uma das propostas é que o professor ensine os alunos a utilizar tal recurso. Em seguida, pode-se lançar situações-problema para serem resolvidas da forma tradicional e, também, usando a calculadora do celular. O professor deve intervir sempre que necessário, lançando questões como: o resultado foi o mesmo? Qual está correto? Deve incentivar a turma a raciocinar, interpretar e compreender as situações propostas, enfatizando que só a calculadora não é suficiente, se não houver o raciocínio e a interpretação correta do problema.

2 – Pode-se, ainda, pesquisar com os alunos o custo das ligações e comparar os planos das diferentes operadoras.

colega e contar a situação em que eles se encontravam quando aquela foto foi tirada. Ou ainda é possível pedir aos alunos que entrevistem os colegas ou professores e registrem tudo com a câmera de seu aparelho.

Patrícia Fonte: O projeto *Celular na Escola* é rico em propostas de atividades inter e transdisciplinares. [Box acima.](#)

No *site* de Patrícia Fonte (www.projetospedagogicosdinamicos.com) é possível acessar boa parte do projeto que ela desenvolveu em 2008, foi capa da revista *Amae Educando* e também consta no 1º livro da autora, publicado pela editora Wak. O *site* é atualizado mensalmente no intuito de auxiliar os professores a dinamizarem suas aulas.

Paty Fonte é educadora especialista em Pedagogia de Projetos e Educação Infantil; escritora, colunista de revistas paradidáticas, *coach* e conferencista. Autora dos livros: "Projetos Pedagógicos Dinâmicos: a paixão de educar e o desafio de inovar" e "Pedagogia de Projetos: ano letivo sem mesmice" – ambos publicados pela Wak Editora. Idealizadora e diretora dos *sites*: www.projetospedagogicosdinamicos.com e www.cursosppd.com.br.

Sheila Pires é formada em Português/Inglês pela UFF, com especialização em Educação Tecnológica pelo Cefet. Professora de Inglês da rede estadual de ensino desde 1999. Desde 2013 pertence ao Núcleo de Tecnologia Educacional da Seeduc, fazendo parte do programa de tecnologia educacional. Na função de mediadora de tecnologia educacional,

Outras disciplinas

Os cronômetros dos celulares são usados nas aulas de Educação Física em diversas atividades. Os variados toques podem colaborar nas aulas de Música. E que tal uma pesquisa sobre a evolução dos meios de comunicação? Quando surgiu o telefone? Uma linha do tempo dos primeiros aparelhos até os modernos celulares.


Interdisciplinar

1 – Podem ser realizados torneios, campeonatos e jogos de perguntas e respostas que devem ser dadas via mensagem instantânea. No mundo todo são realizados campeonatos de SMS, quando o mais rápido é o vencedor.

2 – Lançar desafios culturais: os alunos pesquisam em casa e respondem pelo celular para o professor.

3 – Fotografar exposições e atividades diversas realizadas na comunidade escolar, usando as câmeras dos celulares. Depois podem ser criados *slides* e postados os relatos em *sites* e *blogs*.

atende as escolas da Coordenadoria Metropolitana I (N. Iguauçu, Queimados e Japeri), capacitando professores, gestores e coordenadores a utilizar equipamentos tecnológicos e digitais, além de dar suporte aos projetos das escolas e ao uso dos laboratórios de informática educacional (Lied) fornecidos às escolas pelo MEC através do ProInfo.



É você, caro leitor, qual tema gostaria de ver na próxima edição da revista? Siga a fanpage da Appai no Facebook (www.facebook.com/appairj) e deixe um comentário ou envie um e-mail para redacao@appai.org.br. Estamos aguardando sua sugestão!



Educando com a neurociência



Estudar o sistema nervoso central em aspectos moleculares, celulares, anatômicos, fisiológicos e comportamentais é um dos objetivos da neurociência. Hoje, o educador necessita desta ciência para reconhecer como a aprendizagem e o comportamento humano acontecem, e de que maneira é possível, através das práticas pedagógicas, potencializar as inteligências afetivas, cognitivas, socioemocionais intencionalmente no cotidiano escolar. A ciência vem conquistando, cada vez mais, o seu reconhecimento no segmento educacional, devido às fundamentações científicas e comprovações obtidas através das imagens cerebrais, como, por exemplo, as ressonâncias magnéticas. Mas nem todas as alterações nos processos da aprendizagem ou comportamental aparecem nessas técnicas, pois muitas vezes elas são de caráter genético, celular ou fisiológico, sendo, portanto, de difícil detecção.

O professor do século XXI, além de dominar os saberes inerentes ao seu conhecimento, precisa reconhecer o funcionamento do sistema nervoso central. Não para se tornar neurocientista, mas para utilizar a ciência como uma ferramenta para reconhecer e melhorar a qualidade de cada estudante. Para a neurobióloga Marta Relvas, cada aluno é único, singular em suas potencialidades, e por isso cabe ao educador reconhecer como potencializar a inteligência do indivíduo, pois para os estudos neurocientíficos "os atrasados não existem", como diz a autora Anny Cordié, dentro da coerência do seu discurso psicanalítico. Na verdade, os estudantes tornam-se desmotivados, pois não reconhecem, nos estímulos e/ou informações recebidas, sentidos e significados para serem aplicados e contextualizados no cotidiano.

Não existe um papel específico do professor na neurociência, salvo se ele quiser aprofundar seus estudos e tornar-se um especialista no assunto. Melhor redefinir a neurociência como um domínio que se torna um grande aliado para o entendimento dos processos neurais na aprendizagem e nos comportamentos humanos. Para isso, o professor precisa se dedicar e se capacitar, a fim de melhorar suas práticas pedagógicas através deste conhecimento.

Reforçando, a neurociência não é uma solução para as necessidades educacionais do país, mas pode dar suporte de entendimento científico, na medida em que compreende que cada sistema neural é um e constituído diferentemente nos aspectos biológicos, psicológicos, emocionais e sociais. A neurociência não é um método, é uma ciência, por isso



A neurociência quando dialoga com a educação promove caminhos para o professor tornar-se um mediador do como ensinar com qualidade através de recursos pedagógicos que estimulem o aluno a pensar sobre o pensar.

não se fala em estratégias de ensino, mas ela pode e deve ser uma grande aliada no processo de ensinar e aprender, através do reconhecimento dos aspectos cerebrais que perpassam na capacidade reflexiva na solução de problemas. Marta Relvas ressalta que "o nosso cérebro adora novidades, por isso as aulas necessitam ser emolduradas positivamente nos aspectos afetivos e emocionais, ou seja, fazer com que o estudante se interesse, goste do assunto e reconheça sua aplicabilidade no cotidiano. Por esse motivo, as aulas dinâmicas oferecem uma abordagem mais segura e lúdica para aprender.

A neurociência quando dialoga com a educação promove caminhos para o professor tornar-se um mediador do como ensinar com qualidade através de recursos pedagógicos que estimulem o aluno a pensar sobre o pensar. Entretanto torna-se fundamental que o docente promova os estímulos corretos, no momento oportuno, para que o estudante possa integrar, associar e entender. Esses recursos, quando aplicados no cotidiano, podem ser transformados em uma aprendizagem significativa e prazerosa no processo escolar.

De acordo com Marta, o cérebro é provavelmente o órgão mais fascinante do corpo humano. Ele controla tudo, da respiração até as emoções, e inclusive o aprendizado. Por isso, é importante o educador estar atento a esses aspectos, pois a escola necessita, junto com a família, preparar os alunos para os enfrentamentos e os desafios da vida profissional, pessoal e emocional. É fundamental destacar a função da escola, pois ali são transmitidos valores e ideias que servem como espelho da sociedade, mostrando sob que código ético são tecidas as relações intra e intersubjetivas. Representa também a cultura no espaço e no tempo físico em que a criança permanece fora de seu lugar primordial, a família. "Se você é professor e educador, conhecimentos básicos da neurociência são essenciais para seu trabalho, já que seu objetivo é proporcionar aprendizagem a seus estudantes e, de preferência, da forma mais otimizada possível. Aprende-se com a cognição, mas, sem dúvida alguma, aprende-se pela emoção, e o desafio é unir conteúdos coerentes, desejos, curiosidades e afetos para uma prazerosa aprendizagem", ratifica a neurobióloga.

Aprende-se com a cognição, mas, sem dúvida alguma, aprende-se pela emoção, e o desafio é unir conteúdos coerentes, desejos, curiosidades e afetos para uma prazerosa aprendizagem



Marta Pires Relvas é professora, bióloga, neurobióloga, anatomista, especialista em Fisiologia Humana, Psicopedagoga e Bioética. Membro efetivo e associada da Sociedade de Neurociência e Comportamento. Pesquisadora na área de Biologia Cognitiva e Aprendizagem Escolar. Professora do Curso de Pós-graduação em Neurociência Pedagógica da Ucam – Faculdade AVM Integrada – e da Universidade Estácio de Sá (RJ). É também autora de livros pela Editora Wak, do Rio de Janeiro.

Plasticidade neural: adaptando o indivíduo ao ambiente que o cerca

Você sabe o que é plasticidade neural? Não! Então vamos saber um pouco mais. Plasticidade é a capacidade do cérebro de se modificar ao receber algum estímulo. Essa característica permite o desenvolvimento sensorial, motor e cognitivo na infância e adolescência, além do aprendizado de habilidades e conceitos durante toda a vida. Graças a esse recurso, durante o desenvolvimento o cérebro é capaz de alterar a sua própria estrutura física e organização funcional. Essas modificações estruturais se refletem em alterações no comportamento do indivíduo.

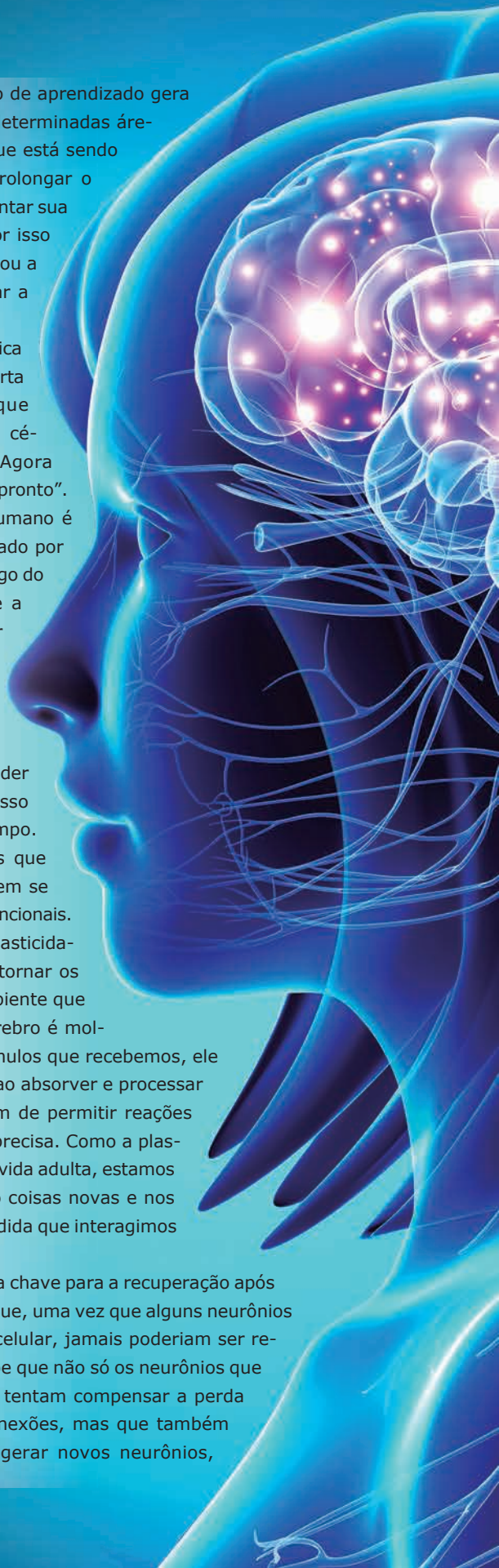
O aprendizado é diretamente dependente da capacidade plástica do cérebro, porque esse processo depende diretamente da formação de novas conexões (sinapses). Vários estudos já mostraram que processos como, por exemplo, treinar para tocar um instrumento musical geram alterações estruturais no cérebro nas áreas incumbidas da realização daquela tarefa. Por exemplo, pianistas apresentam um aumento na área referente ao processamento do movimento dos dedos das mãos; já taxistas apresentam maiores áreas de processamento da representação espacial no hipocampo

posterior. Qualquer processo de aprendizado gera uma maior estimulação de determinadas áreas referentes à habilidade que está sendo adquirida, e isso tende a prolongar o número de sinapses ou aumentar sua eficiência nessa região. É por isso que o treinamento, o ensaio ou a repetição tendem a melhorar a nossa *performance*.

De acordo com a biomédica Bruna Lanzillotta, a descoberta da plasticidade fez com que muitos paradigmas sobre o cérebro fossem derrubados. Agora sabemos que ele não “nasce pronto”. Ao nascimento, o cérebro humano é um esboço que vai ser moldado por estímulos do ambiente ao longo do desenvolvimento. Ainda que a plasticidade seja muito maior nos primeiros anos, ela não desaparece completamente no decorrer da vida. A prova disso é que adultos e idosos ainda são capazes de aprender coisas novas, mesmo que isso leve um pouco mais de tempo. Da mesma forma, pacientes que sofrem lesões cerebrais podem se recuperar com tratamentos funcionais.

O principal benefício da plasticidade está na possibilidade de tornar os indivíduos adaptados ao ambiente que os cerca. Já que o nosso cérebro é moldado de acordo com os estímulos que recebemos, ele se torna mais especializado ao absorver e processar informações do espaço, além de permitir reações da forma que lhe seja mais precisa. Como a plasticidade ainda permanece na vida adulta, estamos constantemente aprendendo coisas novas e nos adaptando a mudanças à medida que interagimos com o ambiente.

A plasticidade também é a chave para a recuperação após lesões. Antes acreditava-se que, uma vez que alguns neurônios fossem perdidos por morte celular, jamais poderiam ser repostos. Hoje em dia já se sabe que não só os neurônios que sobrevivem após uma lesão tentam compensar a perda de células criando novas conexões, mas que também existe uma capacidade de gerar novos neurônios,





ainda que limitada. Ela é maior durante a infância, quando comparada à capacidade plástica do cérebro de um adulto. Crianças que sofrem algum tipo de lesão têm uma perspectiva de recuperação muito maior do que adultos, mas a extensão dessa recuperação pode variar de acordo com uma série de fatores, tanto para os pequenos quanto para os mais velhos, que vão desde a extensão da lesão ou o tipo de tratamento funcional, até fatores intrínsecos do indivíduo, como a genética, alimentação, prática de exercícios etc.

A capacidade plástica do cérebro é reduzida ao longo da vida, mas não desaparece completamente. A base do aprendizado está na plasticidade e continuamos a aprender coisas novas mesmo na idade adulta. Graças a ela, adultos e idosos conseguem recuperar funções perdidas após lesões como no caso de acidentes vasculares, por exemplo. Apesar de a perda cognitiva acontecer com o avanço da idade, ela pode ser evitada se a pessoa estimular o próprio cérebro com uma série de atividades, como leitura, jogos, aprendizado de novas tarefas e o exercício físico.

O cérebro é uma estrutura especializada em receber estímulos e responder a eles. Basicamente ele gosta de ser estimulado, então a melhor forma de mantê-lo "alimentado" é a prática constante de atividades que envolvam o aprendizado, o desafio, a exposição a novidades. No caso de crianças, é importante que

elas recebam estímulos de todas as naturezas possíveis: visuais, auditivas, táteis, durante o desenvolvimento. As brincadeiras são essenciais, e qualquer coisa que possa ser usada nesse sentido deve ser colorido, com texturas, formas e cores variadas, que emita sons ou que exija uso da coordenação motora e da cognição. Tais objetos são ótimos aliados para bebês e crianças. É importante destacar que também é necessária a interação com adultos e outras crianças para desenvolvimento afetivo, social, cognitivo e de linguagem.

"Para a criança, o desenvolvimento de novas sinapses parece mais fácil porque, além de o cérebro ser mais plástico, o mundo é um mar de novidades e de desafios que exigem aprendizado constante. O adulto e o idoso precisam manter esse espírito. Nunca é tarde para aprender novas atividades e conceitos, dedicar tempo a livros, jogos, conhecer lugares novos, ter experiências diferentes. Vale destacar também que se exercitar é fundamental. A atividade física é extremamente benéfica para o cérebro, liberando substâncias que protegem os neurônios de lesões e que estimulam a neurogênese", ratifica Lanzillotta.

Bruna Lanzillotta de Matos é biomédica, Mestre em Neurociências e atualmente doutoranda em Neuroimunologia, sempre pela Universidade Federal Fluminense (UFF).

Memória: uma capacidade de retenção de informações que se forma diante dos processos emocionais

Quem já não precisou "puxar" pela memória em algum momento ou circunstância da vida? O termo memória tem sua origem etimológica no latim e significa a faculdade de reter e/ou readquirir ideias, imagens, expressões

e conhecimento. É o registro de experiências e fatos vividos e observados, podendo ser resgatados quando preciso. Isso faz com que a memória seja a base para a aprendizagem, pois com as experiências que possuímos armazenadas nela temos a oportunidade e a habilidade de mudar o nosso comportamento, ou seja, a aprendizagem é a aquisição de novos conhecimentos obtidos através da memória.

Para se construir a memória, passamos por um processo de assimilação. E é por meio desse processo que enviamos as informações de curta e longa duração. Neste momento, o hipocampo (estrutura anatômica da memória) é ativado. Ele ajuda a selecionar os aspectos importantes para fatos e eventos que serão armazenados. Também envolvido com o reconhecimento de novidades e com relações espaciais, é ele que filtra os dados, usa e joga as informações de curta duração e se encarrega de enviar outras para diferentes partes do córtex cerebral (estrutura anatômica superior de

associação do cérebro). Essas informações se envolvem numa verdadeira "sopa química" que passa a provocar "intercâmbio" entre os neurônios. Nesta fase, o hipocampo descansa e quem passa a trabalhar é o lóbulo frontal tomando importantes decisões no comando de nossas escolhas.

O lóbulo frontal funciona como um "coordenador geral" de todas as memórias e é responsável pela guarda das informações, bem como de classificá-las de acordo com os interesses e desejos subjetivos. Nesta área cerebral, as diferentes memórias se complementam dando origem ao raciocínio. A criança começa a raciocinar com a memória quando interage e se relaciona com o mundo externo, ou seja, sempre!

O professor precisa perceber e entender que o sistema cerebral possui dois tipos de memórias. Um que se emociona, sente, comove (memória declarativa) e outro que compreende, analisa, pondera, reflete (memória de procedimentos). Trata-se da emoção e da razão, por isso o impacto



Estudo sobre a emoção

Jean Piaget

Valoriza o termo afetividade, em vez de emoção, e diz que ela influencia positiva ou negativamente os processos de aprendizagem, acelerando ou atrasando o desenvolvimento intelectual.

Lev Vygotsky

Para compreender o funcionamento cognitivo (razão ou inteligência), é preciso entender o aspecto emocional. Os dois processos são uma unidade: o afeto interfere na cognição e vice-versa. A própria motivação para aprender está associada a uma base afetiva.

Henri Wallon

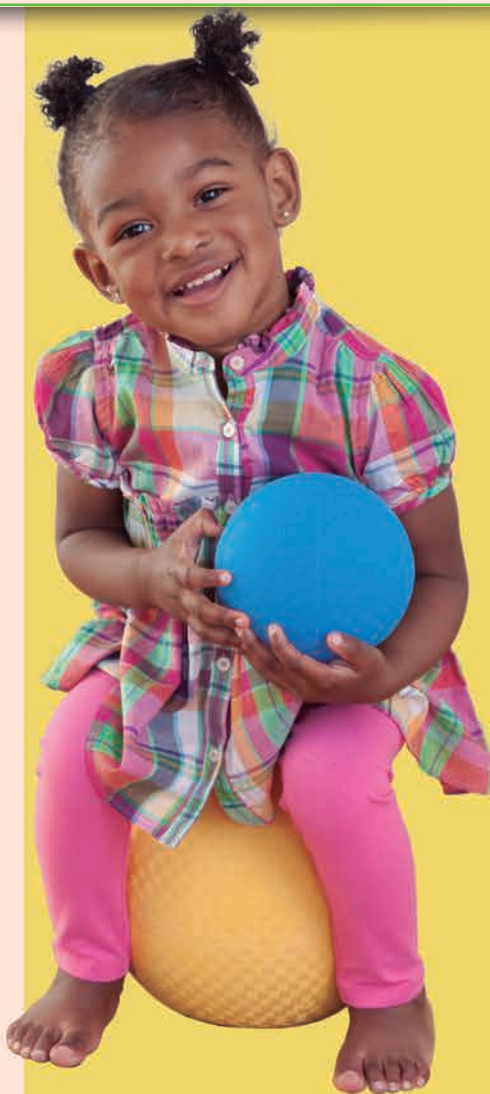
Defende que a pessoa é resultado da integração entre afetividade, cognição e movimento. O que é conquistado em um desses conjuntos interfere nos demais. O afetivo, por meio de emoções, sentimentos e paixões, sinaliza como o mundo interno e externo nos afeta. Ainda ressalta que os acontecimentos à nossa volta estimulam tanto os movimentos do corpo quanto a atividade mental, interferindo no desenvolvimento.

Ao observar as emoções dos estudantes, o educador pode obter vestígios de como o vínculo escolar os atinge: se está instigando emocionalmente ou causando apatia por ser desestimulante. Dessa forma, consegue reverter um quadro negativo, que não favorece a aprendizagem.

das emoções na aprendizagem requer muito cuidado. Essa dualidade se articula por meio de um mecanismo dinâmico, uma impulsionando a outra, completando-se com grade rapidez nas tomadas de decisões. Cada pessoa apresenta diferentes reações conforme a utilização de suas mentes. Nesta interação, o sistema límbico (que trata da emoção e recompensa) – uma estrutura neurofisiológica fundamental no cérebro para produzir aprendizagem cognitiva através das emoções – está presente. Ele é responsável pelo prazer e é a região da motivação. Para a neurobióloga Marta Relvas, “Aprender é um ato desejante e sua negação é o não aprender. A emoção está para o prazer assim como o prazer está para o aprendizado, e autoestima é a ferramenta que movimenta os estímulos para gerar bons resultados”. O cérebro processa tão velozmente essa relação que não se pode perceber a ligação de elementos, consultando uns

aos outros ao resolver uma simples questão.

Em uma conversa com a redação da Revista Appai, Marta Relvas recomenda atividades para fortalecer a memória, ressaltando que a principal prática para melhorá-la não deve ser aplicada somente para jovens, mas por todos os humanos de todas as idades. Em casa o ideal é dormir bem, relaxar, associar fatos a imagens, praticar jogos como xadrez e palavras-cruzadas, promover bons pensamentos, realizar exercícios físicos e principalmente dedicação e querer aprender. Já em sala de aula, o indicado é criar um clima favorável para aprendizagem, eliminando a insegurança em suas respostas ou perguntas, dividir a aula em espaços curtos, onde se propõem atividades diversificadas através de jogos pedagógicos, desenvolver hábitos estimuladores da memória de maneira lenta e progressiva, como se fizesse com exercícios físicos, e respeitar as particularidades de cada educando e a maneira como sua memória melhor trabalha.



Estudo sobre a memória

Jean Piaget

São condutas muito diversas, cujo único traço comum é a conservação do passado ou, falando mais exatamente, a utilização de aquisições anteriores. Na maioria dos casos, a memória confunde-se com o hábito ou com seu aspecto particular de reconhecimento de índices.

Lev Vygotsky

Uma criança pequena constrói memórias por imagens, associando uma a outra. No decorrer do desenvolvimento, ela passa a fazer essa relação conceitualmente, pela influência e pelo domínio da linguagem – o componente cultural mais importante. Com isso, passa de uma memória mais apoiada nos sentidos para outra mais escorada na linguagem. Portanto, a memória relacionada às aprendizagens escolares é uma função psicológica que vai se definindo durante o desenvolvimento.

Henri Wallon

Informações e acontecimentos que nos afetam e fazem sentido para nós ficam retidos na memória com mais facilidade. Como a construção de sentido passa pela afetividade, é difícil reter algo novo quando ele não nos afeta.

Aprender não é apenas memorizar as informações. É necessário relacioná-las, dar novo significado e fazer uma reflexão sobre elas. Portanto, é função do educador corroborar fatores positivos para que os assuntos sejam aprendidos e se instalem na memória, oferecendo circunstâncias para que o aluno construa sentido sobre o que está visualizando em aula.

Nutrindo a memória

Para a nutricionista do Programa Saúde 10 da Appai, Raquel Azevedo, uma alimentação saudável e em quantidade adequada contribui para o aprendizado. Alguns alimentos estimulam a memória, o raciocínio e ajudam até a melhorar a concentração. Durante a preparação para concursos, vestibulares e o próprio processo de aprendizagem, necessitamos de maior poder de concentração, atenção, memória, disposição e combate ao estresse. Uma boa alimentação, com variados grupos alimentares e ingestão adequada de água, pode potencializar o rendimento nos estudos e diminuir a ansiedade para as provas. A nutricionista ressalta que, nas vésperas, devemos evitar alimentos que não costumamos consumir em nossa dieta, para não corrermos o risco de ter desconfortos intestinais. Abaixo, Raquel elegeu alguns nutrientes que não podem faltar na nossa alimentação para um bom rendimento cognitivo.

Ômega-3

Gordura benéfica e essencial para o organismo que, além de fazer bem ao coração, é boa para a memória porque protege a membrana que recobre os neurônios. Essa membrana é responsável por transmitir as informações na massa encefálica; portanto, quanto maior a quantidade de ômega-3, melhor. Ela é encontrada nos peixes – em especial os de águas frias e profundas, como salmão, sardinha, anchova, atum, arenque e cavala – e na linhaça que, além

de proteger o cérebro, ajuda no bom funcionamento dos intestinos. E, para potencializar ainda mais os efeitos, deve ser consumida batida em sucos, vitaminas ou molhos.

Colina

É uma das vitaminas do complexo B. A colina tem sido associada à capacidade de reparar as membranas celulares. É encontrada na gema do ovo, espinafre, nozes, soja e derivados.

Vitamina B12

Importante para o metabolismo dos neurotransmissores (substâncias que transmitem impulsos nervosos no cérebro e são responsáveis pelas sensações). É encontrada no fígado de boi, algas, peixes em geral, leite e derivados, alface e grãos como o feijão.

Vitamina B1 – Tiamina

Quando em falta, prejudica a capacidade cerebral, pois é responsável pela captação da glicose, a principal fonte de energia para todo o corpo. É encontrada em cereais, frutas em geral, levedo de cerveja, carnes brancas e vermelhas e legumes.

Vitamina B9 – Ácido fólico

Responsável por diminuir os radicais livres, substâncias que aceleram o processo de envelhecimento do organismo.



Quanto maior a quantidade de ácido fólico, mais protegido estará o corpo todo, inclusive o cérebro, da ação do envelhecimento. É encontrado no fígado, feijão, gérmen de trigo, levedura de cerveja, vegetais de folhas verde-escuras como brócolis, espinafre, couve e rúcula.

Vitamina E

Mais um integrante do time dos antioxidantes e, portanto, neutralizador dos radicais livres. É encontrada na gema de ovo, gérmen de trigo, frutas em geral, verdura de folhas verde-escuras e óleos vegetais, como os de canola e girassol.

Selênio

Há também alegações de que o selênio ajuda na capacidade de concentração, o que se reflete diretamente na memória. Mineral de ação antioxidante com função de neutralizar os radicais livres e, assim, evitar o processo de envelhecimento acelerado. É encontrado no alho, castanha do Brasil e grãos integrais como o trigo.

Cromo

Mineral associado ao metabolismo da glicose, grande fonte de energia para o organismo, e que também aumenta a ação da insulina. Encontrado no óleo de milho, cereais integrais e levedo de cerveja.

Ferro

Mineral que forma a hemoglobina, que carrega oxigênio pelo sangue para todo o corpo, fortalecendo a parte metabólica e energética. Um adolescente com anemia tem fraqueza, indisposição, falta de energia e, inclusive, perda de concentração e de aprendizagem. O ferro pode ser encontrado na gema do ovo, feijão, sardinha, carnes escuras do frango e carnes vermelhas, principalmente as vísceras (como fígado).

Carboidratos

Cereais integrais evitam a sonolência depois do almoço e deixam o estudante mais alerta, isso porque as fibras presentes nos carboidratos integrais ajudam a liberar lentamente a glicose no organismo. A falta de carboidratos prejudica a memorização, a concentração e o aprendizado. A indicação é consumir arroz, pão e macarrão integral, além de aveia.

Cafeína

Combate a fadiga mental e ativa o sistema de alerta. Consumir café, chá-preto e verde. O chocolate também contém cafeína, que melhora o estresse, porque libera endorfina. A indicação é o mais amargo. O excesso de ambos, entretanto, é prejudicial.

Colaboração: Richard Günter





Dia Mundial da Água


Uma data que visa ampliar as discussões sobre nosso essencial bem de consumo

Como uma das ações comemorativas pelo dia 22 de março, data que marca o “Dia Mundial da Água”, a Appai e a Federação Bandeirantes do Brasil (FBB) realizaram uma atividade no Museu Histórico Nacional, no Centro do Rio. A proposta foi sensibilizar o público infantil quanto ao consumo consciente desse recurso hídrico. No evento intitulado “Água: eu cuido, eu preservo, eu economizo” foram apresentadas, de forma lúdica, sugestões de práticas para mudanças de hábitos que evitam o desperdício no dia a dia.

Por se tratar de uma preocupação mundial, o evento teve como objetivo promover um dia onde os bandeirantes, crianças de cinco a quinze anos de idade, pudessem trabalhar sobre as questões referentes à água e buscar uma análise do que precisa ser modificado e realizado nas mudanças de hábitos do cotidiano para a



Os integrantes da FBB participaram de dinâmicas com brincadeiras de roda nas quais abordavam estudos sobre os efeitos colaterais ocasionados pelo mau uso do nosso bem de consumo



economia desse recurso. Os integrantes da FBB participaram de dinâmicas com brincadeiras de rodas, encenações, uma espécie de caça ao tesouro e também com pesquisas, nas quais abordavam estudos sobre os efeitos colaterais ocasionados pelo mau uso do nosso bem de consumo.

O movimento Bandeirante existe no Brasil há 96 anos, tendo sido fundado em 13 de agosto de 1919. Criado na Inglaterra, e irmão do Movimento Escoteiro, trabalha em cima da mesma missão que é ajudar a desenvolver a cidadania responsável de crianças, jovens e adolescentes, visando uma prática de educar e formar cidadãos melhores para o futuro. E, através de programas educativos, o movimento busca formar essa cidadania, trabalhando em diversas áreas de educação como cultura, saúde, meio ambiente, serviço comunitário e o próprio bandeirantismo, onde eles aprendem valores importantes para a vida social. A FBB é a única representante do Brasil da World Association of Girl Guides and Girl Scouts – WAGGGS (Associação Mundial de Bandeirantes), que é reconhecida pela ONU e por outros organismos internacionais como uma das maiores instituições de educação de crianças, adolescentes e jovens em todo o mundo, com mais de 10 milhões de associados em mais de 145 países.

Para Montserrat Cobo, Coordenadora de Relações Institucionais e Parcerias da Federação Bandeirantes do Brasil, a reação das crianças foi excelente, principalmente porque elas querem passar a informação adiante. “Nós queremos que eles pensem nisso enquanto crianças, que é quando a gente pode investir na educação para o futuro. Práticas diárias, como fechar a torneira enquanto se escova os dentes, pensar em maneiras de economizar a água, reaproveitando-a em uma lavagem, por exemplo, são costumes que eles podem adquirir. E daí educar através delas os pais e a comunidade, fazendo a nossa parte para a melhoria do mundo e do planeta como um todo”, explica Montserrat.


Sérgio dos Santos Barros, advogado e pai de uma das participantes do evento, acredita na importância de conscientizar as crianças sobre o uso racional da água, pois elas são de uma geração que já nasce receptiva a essa questão.

“Elas já entendem a necessidade de economizar, e a escola tem ajudado bastante nesse particular. É um esforço conjunto que tem dado muito certo. Se não ensinarmos enquanto são pequenos, isso não será possível lá na frente. E espero que a discussão se espalhe pelo Rio de Janeiro e siga Brasil a fora”, afirma Sérgio.


Já para Márcia Marinho, do Programa de Projetos e Ações Sociais, a parceria com os Bandeirantes está alinhada com a cultura da Appai, com o que a organização pensa a respeito de desenvolvimento sustentável. “Nós estamos influenciando positivamente as crianças a preservarem a água, a cuidar do seu planeta. E a criança tem o poder enorme de replicar a informação, pois ela fala para o pai, para a mãe, para os amiguinhos. E isso multiplica. A gente acredita que a partir disso um novo mundo é possível, sim. E o mais interessante é que a disseminação dos saberes não foi somente para as crianças, mas para os pais que também estiveram presentes no evento, haja vista que, para garantirmos um futuro seguro, precisamos pensar o agora”, ratificou Márcia.

A data criada pela Organização das Nações Unidas visa principalmente conscientizar a população, pois o homem tem destruído a natureza em diversos aspectos, comprometendo a permanência de bens indispensáveis. Apesar dessa nítida escassez, o Brasil é um país privilegiado, pois possui 11,6% de toda a água doce do planeta, incluindo o maior rio do mundo, o Amazonas, e o maior reservatório de água subterrânea do globo, o sistema aquífero Guarani. Porém, todo esse recurso é mal distribuído, pois 70% das reservas está localizada na Amazônia, região na qual vive pouco mais de 7% da população brasileira. A divisão irregular deixa ainda 3% de água para a região Nordeste. Para colaborar com a economia de água devemos ter consciência na hora de utilizá-la. Ao escovar os dentes ou fazer a barba, precisamos evitar deixar a torneira aberta, não tomar banhos ou lavar louça por longo tempo, não limpar calçadas tirando a sujeira com jato d’água (o melhor é varrer primeiro), juntar roupas para lavá-las em quantidade maior etc. Enfim, ações simples que fazem a diferença.

Colaboração: Richard Günter



A atividade teve como proposta sensibilizar o público infantil quanto ao consumo consciente desse recurso hídrico



Federação Bandeirante do Estado do Rio de Janeiro
Rua Marechal Câmara, 186 – 5º andar
Centro – Rio de Janeiro/RJ
CEP: 20020-080
Tels: (21) 2240-9220 / 2532-3292
Site: www.bandeirantes.org.br
E-mail: ffb@bandeirantes.org.br
Responsável: Montserrat Cobo
Fotos: Appai



A arte do sensível: da releitura de telas ao Sítio do Picapau Amarelo



Sandra Martins

Artistas plásticos renomados como Portinari, Volpi, Dali, Monet, Da Vinci, Tarsila do Amaral, Nelson Sargento e Romero Britto foram fontes inspiradoras para o projeto *Pintando com a Alma* da Escola Municipal Especial Ação Vicente Moretti, em Bangu, na Zona Oeste. As releituras dessas obras oportunizaram vivências no universo encantado das telas para a compreensão do que é a arte, como ela se manifesta e quem a pratica, assim como aguçaram a imaginação com um diálogo afetivo entre personagens do Sítio do Picapau Amarelo. "A arte foi utilizada como um facilitador de aprendizagem, pois a sua linguagem na educação desempenha um papel fundamental que envolve os aspectos cognitivo, afetivo e cultural, além da valorização da autoestima e das aptidões", disse a professora Ana Regina Carvalho, que escolheu obras de importantes pintores brasileiros para trabalhar com suas turmas CE 03 e

CE10. "Da releitura da tela 'Abaporu', de Tarsila do Amaral, propusemos um encontro com Romero Britto – os alunos o conheciam devido a um projeto sobre suas obras em 2012 –, o que também aconteceu em relação ao pintor, cantor e pesquisador da música popular brasileira Nelson Sargento, que retrata em suas criações a vida nas favelas.

Durante a dinâmica do projeto *Pintando com a Alma*, os docentes buscavam ampliar as possibilidades de expressão e comunicação utilizando-se da linguagem do desenho, da pintura, da colagem, da dobradura, da construção. De acordo com a coordenadora pedagógica Elizabeth de Castro, os temas transversais foram trabalhados possibilitando a interdisciplinaridade dos conteúdos. "Os docentes tiveram acesso a variadas fontes de pesquisas e diversos recursos materiais para garantir a realização de todas as etapas dos projetos. O resultado não poderia ser diferente: parceria,

O contato com os itens basilares de todo pintor – tintas, pincel, tela – foi o pontapé inicial da atividade

muita troca e algumas mudanças, mesmo que sutis, nos nossos alunos”.

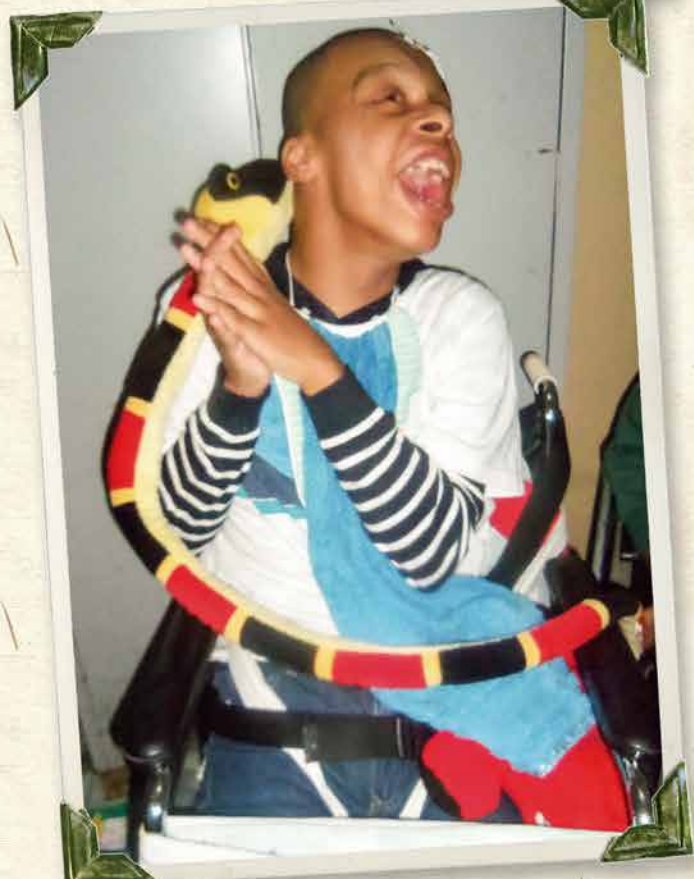
Na prática

O contato com os itens basilares de todo pintor – tintas, pincel, tela – foi o pontapé inicial da atividade. Cores primárias, formas geométricas, variadas texturas de materiais, pintura a dedo e com pincel. Concomitante à caminhada neste universo do desenho e da pintura, a professora explicava sobre a profissão do pintor e o que utiliza para fazer seus trabalhos. Eles eram induzidos a expressar livremente suas emoções, suas sensibilidades nas suas pinturas, que viriam a compor uma exposição na sala de aula. Nas turmas da pedagoga e especialista em educação inclusiva Ana Regina, a exposição recebeu o título de “Meus Pintores Especiais”.

Com Tarsila do Amaral, os alunos souberam do interesse da jovem pela pintura desde tenra idade. A partir da curiosidade despertada pelo *Abaporu*, Ana Regina os levou a fazer uma releitura daquela tela. Ao contar a história daquele personagem de origem tupi-guarani que significa “homem que come gente” (canibal ou antropófago), uma junção dos termos *aba* (homem), *porá* (gente) e *ú* (comer), os alunos foram incentivados a pintar o seu *Abaporu*, com a mediação da professora, que em seguida propôs um encontro com Romero Britto.

Elaine Maria de Oliveira Mello, diretora adjunta, revelou seu contentamento com a expressiva participação dos estudantes e de toda a comunidade escolar. Os professores buscaram diferentes formas de adaptações que melhor atendessem aos seus alunos. “Uma das estratégias criadas para envolver os responsáveis foram as atividades oferecidas no *Oficinarte*: também um sucesso, devido à intensa troca de afinidades e afetos”, afirmou.

Alguns dos conteúdos trabalhados foram as partes do corpo, o clima, a vegetação, a noção de espaço, de maior/menor, de bonito/feio, identidade, características, a diversidade, sempre respeitando a limitação de cada aluno. As produções das turmas foram expostas na própria sala de aula e abertas à visita dos responsáveis. “Foi uma troca expressiva e intensa. Elas gostaram tanto de ver a alegria e o interesse de seus filhos participando das atividades, que até se esqueceram da ‘sujeira’ deixada na tinta no uniforme, no corpo, no cabelo de vez em quando,” afirmou, orgulhosa, a professora Ana Regina.



O terceiro artista plástico abordado foi Nelson Sargento. O colorido dos quadros chamou bastante a atenção dos alunos. Foi explicado a eles que o pintor havia morado em uma favela e que ele tinha o interesse de retratar como eram esse lugar, as moradias e as pessoas, para que o mundo todo conhecesse aquela realidade. Os alunos souberam que,

A professora se caracterizou de Tia Nastácia e decidiu que, ao invés de bolinhos de chuva, seus alunos ganhariam rosquinhas



além dessa atividade, Sargento também era um pesquisador e grande compositor brasileiro.

A releitura foi desenvolvida através de dobraduras feitas de papéis de revistas, jornais, pinturas, colagens, sem brincadeira, e uma nova exposição foi marcada para mostrar a produção dos alunos. "Foi mágico. Os estudantes iam dia a dia construindo uma casinha, uma igreja, enfim, eles atuaram como pedreiros construindo as 'moradias da favela'. Com isso trabalhei a coordenação motora e outras questões, como tipos de moradia, saneamento, diversidade, igualdade, noções matemáticas, quantidades, esquerda e direita", afirma Ana.

FOLCLOREARTE – Diante dos excelentes resultados, da animação, participação dos alunos e a agradável percepção dos pais pela mudança comportamental de seus filhos, os professores e coordenação decidiram criar atividades que abordassem o tema "Folclore" a ser consolidado no subprojeto *Folclorearte*. No corpo da proposta, uma novidade que viria a agradar a toda a comunidade escolar: uma sala ambientada como o Sítio do Picapau Amarelo, de Monteiro Lobato, que também apareceu numa peça teatral, cujos personagens foram vividos pelos funcionários da escola, num evento que abriu a *Semana do Folclorearte*.

A interação foi total: os alunos surpresos "viajaram", dançaram e cantaram. O tema Folclore foi desenvolvido através das brincadeiras, cantigas, lendas, parlendas, di-

tos populares, vídeos, conversas e atividades dirigidas de maneira prazerosa, divertida e dinâmica. Todas as turmas visitaram a sala ambientada; os estudantes reconheciam parte da floresta e seus mestres desenvolviam atividades relacionadas com o tema. "Esse trabalho coletivo foi muito bacana. Foi ótimo ver nossos jovens, cada um à sua maneira, expressando o quanto estavam gostando daquela apresentação. Uns dançavam juntos dos personagens, outros cantavam, sorriam, gritavam, os olhinhos brilhavam... Foi então que aconteceu o 'Encontro com a Tia Anastácia', no Espaço Pedagógico. A minha intenção era de tornar a aula mais proveitosa e interessante para os meus alunos," declara Ana Regina.

Por não ter participado da apresentação da peça teatral, a professora somente se caracterizou de Tia Nastácia quando levou seus alunos para o "Sítio", que "foi um verdadeiro alvoroço, mobilizando a escola toda", conforme revelou a docente, sem esconder sua alegria.

A entrada da personagem causou um verdadeiro rebuliço na escola. Ela decidira que, ao invés de bolinhos de chuva, seus alunos ganhariam rosquinhas. As merendeiras entraram na brincadeira, fizeram a massa da guloseima e emprestaram o avental para montar o figurino. As professoras, coordenadora e a diretora adjunta ajudaram na caracterização da famosa cozinheira. "Quando a Tia Nastácia ficou pronta... foi um sucesso, pois todos queriam vê-la,

Artistas plásticos renomados, como Portinari, Volpi, Dali, Monet, Da Vinci, Tarsila do Amaral, foram fontes inspiradoras para o projeto *Pintando com a Alma da Escola*



chegar perto. Os meus alunos ficaram admirados”, disse a professora, dando uma de atriz.

No Espaço Pedagógico, Tia Nastácia, enquanto preparava as suas rosquinhas de leite, mostrou o “Sítio” para os alunos explicando cada lugar: a cadeira da Dona Benta, o lago da Sereia, o Bambuzeiro do Saci... Apresentou os personagens da famosa história e falou sobre o escritor Monteiro Lobato. Contou os “causos” do Curupira, das lendas, das brincadeiras, das parlendas. Com auxílio da internet os alunos assistiram as biografias dos personagens e ouviram músicas.

De acordo com Ana Regina, foram oferecidas aos alunos oportunidades de vivenciarem diversas sensações táteis, auditivas, visuais, olfativas e gustativas: “Eles gostaram e queriam pegar todos os animais, apertá-los para ouvir o som da sua fala. As meninas admiravam a roupa e o espelho da Sereia. Todos gostaram das músicas, principalmente da canção da Emília”. No final, Tia Nastácia distribuiu, para toda a escola, suas deliciosas rosquinhas de leite. “Foi um verdadeiro sucesso, os alunos queriam tocar e ser fotografados com a Tia Anastácia. As mães aproveitaram para compartilhar a receita do bolinho de chuva”, concluiu.

A interação possibilitou também aos pais e responsáveis uma oportunidade ímpar de vivenciar com seus filhos o conhecimento de manifestações culturais, lendas, cantigas. Com os alunos, os professores buscaram enfatizar o respeito ao outro e às diferenças, o aprendizado de regras

de convivência, da exploração das possibilidades oferecidas pelos diversos materiais. Todas essas atividades foram desenvolvidas por meio de textos informativos, slides, enfim, variados e ricos recursos materiais que permitiram trabalhar a interdisciplinaridade, tornando a aprendizagem do aluno mais significativa.

Durante a *Semana do Folclorearte* todos os trabalhos produzidos pelos integrantes do *Projeto Pintando com a Alma* ficaram expostos. Segundo Ana Regina, o crescimento de cada aluno permite afirmar que o trabalho desenvolvido teve por objetivo não só garantir a inclusão daqueles que apresentam deficiências, propiciando-lhes caminhos para que se tornem cidadãos plenos com seus deveres e direitos assegurados, mas também de oferecer um ensino de qualidade, com atividades prazerosas, lúdicas, com adaptações voltadas para melhor atendê-los, tornando a sua aprendizagem mais significativa.

Escola Municipal Especial Ação Vicente Moretti
Rua Maravilha, 308 – Bangu
Rio de Janeiro/RJ
CEP: 21.810-100
Tel.: (21) 3335-9113
E-mail: emvmoretti@rioeduca.net
Diretor: Jorge Ricardo Guerra
Fotos cedidas pela escola



Revista Appai Educar



Médico Ambulatorial Básico



Seguro de Vida em Grupo

BENEFÍCIOS



Dança de Salão



Caminhadas e Corridas

CAMINHADAS E CORRIDAS



Benefício Passeio Cultural



Jurídico



Seguro para Cobertura de Algumas Doenças Graves



Assistência Flex Domiciliar



Assistência Funeral



Educação Continuada



Serviço Social



Odontológico Ambulatorial Básico



EAD APPAI

educação continuada a distância

Cursos Oferecidos

Autodisciplina



Ética



Gestão Geral



Mídias Sociais



Sustentabilidade

Gestão Pública Geral



Qualidade de Vida



Idiomas



Comunicação Oral



Informática

Gestão Pública -
Saúde



Relacionamento
Interpessoal



Gestão de Pessoas



Comunicação Escrita

Entre outros

INSCRIÇÕES ABERTAS!

Suporte ao aluno

08007033180

atendimento@dtcom.com.br

(o aluno deve identificar-se
como associado da Appai)

